

Julio Cesar Espachado.

Est. d'Arts. Reul. B. d. de Loue

JULIO CESAR MACHADO



onde imaginam que nasceu quem tão fina e graciosamente nos conta todas as semanas os principaes acontecimentos e festas da capital? Em uma aldeia. Saibam pois, futuros bibliophilos que o auctor dos *Contos ao luar* e das *Scenas da minha terra*, cuja mocidade tem sido votada a escrever ácerca da cantora nova, da nova dançarina, do romance novo, da peça nova, do novo a-

crobata, da nova amazona, do verão em Cintra, de tudo que nos surprehende, que nos arrebatá, que nos maravilha, que nos enleva, veio aos dez annos de um logarejo chamado Durruivos, a uma legua de Obidos, trajando um casaquito de baeta que a rara habilidade de uma tia conseguiu realizar-lhe do forro de uma capa. Chegando a Lisboa, ao cair da noite, depois de uma enfadonha viagem da falua desde o Carregado, vio pela primeira vez Lisboa ao accender dos candieiros, que

apesar de ser ainda a época do azeite, o que não favorecia extremamente o prestígio da iluminação, tudo para elle foi motivo de surpresa, tudo o encantava, a estatua d'El-Rei D. José, as immensas fileiras de casaria, as lojas, o estrepito das carroagens, o movimento nas ruas.

Principiou então os seus estudos que duraram até aos dezeses e que fôram interrompidos pelo mais pungente e doloroso golpe. Estava no theatro de D. Maria II assistindo a uma representação quando no meio do primeiro acto, vio entrar um seu amigo, que lhe pediu o acompanhasse até ao salão, onde alguém o procurava. Ao chegar lá deu com os olhos em um criado velho de sua casa, que a tremer e debilhado em lagrimas, lhe implorou que sahisse do theatro, communicando-lhe em seguida uma horrivel noticia, — estava orphão.

Vendo-se em tão curta idade, privado do melhor e mais seguro amparo com que podia contar na vida, onde nem sequer ainda tinha aventurado os primeiros passos, é facil suppôr qual fosse o terror que o dominava e a dor que o affligia. Ficára pobre e necessitava ganhar o pão de cada dia; mas como havia de ganhá-lo? Era suprema a sua angustia; foi todavia forte a sua vontade. Não vacillou em frente do perigo. Que lhe restava fazer? Luctar com a adversidade, com os obstaculos, e com as decepções? Luctaria... e luctou muito, immenso; mas venceu.

A primeira idéa que lhe acudiu, para a realisação de seu intento, foi aproveitar o conhecimento que tinha da lingua franceza, e offerecer-se para traductor do theatro do Gymnasio. Como o aceitassem, sustentou durante dois annos e meio o repertorio d'aquella scena nos brilhantes e auspiciosos tempos d'ella, nos tempos em que Taborda, Moniz, Isidoro e o mesmo Pereira, actor de menos talento e recursos que os outros, mas de uma graça especial, faziam ali as delicias dos expectadores, alegrando-os, promovendo-lhes o riso e muita vez a gargalhada em chistosas comedias, adequadas á bella vea comica dos festejados artistas. É certo porém, que Julio Machado, tem sido sempre grato ao acolhimento que recebeu do Gymnasio, quando era ainda uma vocação litteraria nascente e desconhecida; hoje, que o rodeia o prestígio de um nome legitimamente conquistado, manifesta logo que se refere áquelle theatro, a mais pronunciada sympathia, esquecendo-se muita vez de que é critico e obedecendo mais ao coração do que á consciencia na apreciação de alguns artistas mediocres, que por titulo de fundadores, e não pelos applausos de publico, se acham col-

locados em posições elevadas e importantes — dos bastidores para dentro.

Mas, a natural tendencia de Julio Machado, para a carreira das letras não tardou que se manifestasse mais vivamente. Escreveu tambem n'essa época duas lisongeiras composições, em que já se adivinhava o talento do moço escriptor, e que tinham algum valor como tentativas de uma vocação balbuciante e inexperiente. A primeira foi publicada na *Semana* por Camillo Castello Branco, a quem o auctor procurou para lh'a ler: era um conto intitulado *Estrella d'alva*. A segunda era um romance denominado *Claudio* de que mal se encontra hoje o nome nos catalogos, e que mereceu a Lopes de Mendonça, seu amigo e seu mestre, um bello trecho de folhetim na *Revolução de Setembro*, que principiava por estas palavras de Madame de Noailles, nas *Proezas de Richelieu*: — «Já não ha crianças.» —

A datar d'esta época teve Julio Machado, de atravessar uma guerra surda de certos jornaes irmãos gemeos d'outros que nasceram depois, e que para ahi vegetam na lama, salpicando quem passa, e sumindo-se na mesma lama, que lhes serve de arma e refugio, contra aquelles que aceitam a pugna em campo raso e aberto, mas que desprezam a guerra que se lhes prepara nas encruzilhadas. A missão d'esses filhos bastardos da imprensa, limita-se a calumniar o adversario que temem ferir de frente, a depremir o opulento com o fito n'um punhado de oiro, a desanimar, por inveja, os verdadeiros talentos que se estreiam. Julio Machado era uma vocação esperançosa, estava, pois, no ultimo caso. Que prazer não era para tal gente desgostar da vida um moço que entrava n'ella! Quem como nós, foi sempre amigo de Julio Machado ha de lembrar-se de o vêr n'essa época, desconfiado, triste, arredado de todos, e de uma susceptibilidade nervosa que se aproximava da loucura, mas lutando com todas as forças da sua vontade e da sua indignação; e assim foi trepando, e erguendo-se, palmo a palmo, folego a folego, dia a dia desapareoer.

Uma bella manhã resolveu desaparecer o moço escriptor, constando depois que se retirára para casa de um amigo que vivia fóra da capital, donde só voltou passado um anno trazendo os dois volumes da *Vida em Lisboa*, que o editor Pereira publicou o que foi lisongeiramente acolhido. Foi com este romance, ou antes com este estudo de costumes e typos, ou para melhor dizer com este folhetim em 400 paginas, como o proprio auctor lhe chama no prologo, que a sua reputação litteraria começou a firmar-se. Lavrára ali o seu futuro diploma. N'aquelle livro ostentava-se brilhan-

temente a sua principal vocação, que é o folhetim. Segredando-lhe a intelligencia isto mesmo, principiou Julio Machado a estudar o genero, e a conviver intimamente no remanso do seu gabinete com Julio Janin, D. Marianno Larra, Paulin de Limayrac, Theophile Ganthier, Julio Lecomte, Lopes de Mendonça, Garrett nas *Viagens da minha terra* e Castilho nas noticias da *Revista Universal*. Volveu-lhe então a sua natural alegria, tornando-se accessivel, benevolo, até brincalhão. Por esse tempo Nicoláo de Brito, Eduardo Tavares, Manoel Roussado e elle, desejando derramar a instrucção em Cacilhas e em seus arredores, fundaram o *Almadense*, de que eram redactores... e distribuidores. Quando o criado que distribuia a folha tinha que fazer, montava cada um d'elles n'um burro e ia entregar o numero de porta em porta. Ó mocidade! que ha no mundo que te valha? Fallem hoje aos redactores do *Almadense*, n'esse tempo, que já lá vai distante, e verão com que saudades elles o recordam e descrevem! Que attractivos, que encantos, que deliciosos momentos, que festivas horas, não encerrava em si aquella vida descuidosa e incerta, atribulada e risonha!

Ha sempre mais ou menos dinheiro, porque ha uma só bolsa para o dinheiro de todos. Se a fortuna sorri, janta-se bem; se a fortuna os abandona, janta-se mal; mas janta-se com igual appetite, com a mesma satisfação, com o mesmo entusiasmo e com a mesmo tumulto de hilaridade. Imaginem que animação não haveria n'aquelles modestos banquetes que vulgarmente tinham lugar em uma tasca de Cacilhas — com o buliçoso e travesso genio de Nicoláo de Brito, com a graça espontanea e original de Manoel Roussado e com os bons ditos e joyias ánedoctas de Julio Cezar Machado! Se o leitor os conhece, imagina tudo isto, e imaginando tem, como nós, pena de lá não haver estado.

Uma noite, no salão de S. Carlos, Ricardo Guimarães veio ao encontro de Julio Machado, e disse-lhe:

«José Estevão quer dar um folhetim semanal na *Revolução de Setembro*. Lembrámo-nos de ti, accitas?»

As suas predilecções litterarias fizeram-lhe vér desde logo n'esta proposta um futuro e uma carreira. Estava então entre nós a Ristori, e os primeiros folhetins foram-lhe inspirados pela grande tragica, que elle analysou e saudou em cada nova peça. No dia em que appareceu o folhetim sobre a *Izabel de Inglaterra*, a sublime artista mandou cumprimental-o e agradecer-lhe a critica.

Ao mesmo tempo, de uma sala da rua Formosa, que tem sempre reunido o melhor numero de illustrações litterarias e politicas, safu por assim dizer a consagração elegante do seu nome, como folhetinista. Muitas vezes, o tribuno eminente, lia trechos dos folhetins em voz alta, e perguntava com ar contente:

«Que lhes parece o meu rapaz?»

Tornou-se até hoje para Julio Machado a revista da semana a sua enxada; e pergunta a si proprio em cada terça feira vindo-se livre de um folhetim e pensando já no outro: «De que viverei eu esta semana?!» Vê-se ha quatro annos no mesmo embarço para com o publico em que m.^{mo} de Maintenon se achava para com o rei, quando tinha de o distraír, a elle que em coisa alguma achava distracção: «On revenait de force aux mêmes propos» diz algures a viuva de Scarron. Assim o pobre chronista depois de interrogar os ventos, a capital, a provincia, o campo, o theatro, os bailes, tem de recorrer ao mesmo expediente—fallar de coisa nenhuma.

Cumpre notar aqui a escola delicada que Julio Machado inaugurou no folhetim n'uma época em que elle mais se extraviára das leis do gosto. As suas ironias indicam apenas o epigramma e como que convidam a preparal-o; mas são redigidas com certa habilidade para o não constituirem por si só: podemos comparal-o n'isto á pedra de affiar as navalhas de barba, que não corta por si, mas faz cortar.

Attraído pela sympathia que geralmente alcançaram os folhetins de Julio Machado, o editor das Obras completas do Padre Antonio Vieira, Corrêa Seabra, apresentou-se uma manhã em casa do nosso escriptor. Queria que lhe escrevesse um livro, principiando por declarar que o exigia no praso de um mez, se fossem mutuamente aceitas todas as mais condições. Recrutou d'este jornal tres contos publicados, escreveu tres expressamente para o livro, e no fim de um mez atirou-se o livro á publicidade: chamava-se *Contos ao luar*. Nas livrarias menciona-se esta obra como a mais afortunada publicação dos ultimos tempos. Tres edições se exgotaram rapidamente, e não houve um só jornal do paiz que não aventusasse opinião sobre o livro. Seguiu-se-lhe outro intitulado *Scenas da minha terra*, que apezar de trabalhado com maior esmero, e incontestavelmente superior áquelle, não logrou todavia igual fortuna, continuando a ser o auctor para as esteriotypadas designações do jornalismo: «o auctor dos *Contos ao luar*.»

Vem a proposito contar aqui uma historia porque tem refe-

rencia ao livro das *Scenas da minha terra*. Tendo ido Julio Machado vér Peniche para escrever um dos capitulos d'esta obra, aproveitou ser tempo das festas da Nazareth para voltar pela segunda ou terceira vez a essa terra. É preciso haver viajado no reino para saber quanto se despende. Vai um homem a França por menos dinheiro do que lhe custa passar os oito dias de festevidade na villa citada. O certo é que, findas as festas, montou o nosso folhetinista n'um ginete de aluguer, de moço atraz, e partio para Peniche; mas havia-se-lhe acabado o dinheiro e, não querendo entrar na nossa Gibraltar como um Gil Braz, parou em uma terra a duas leguas e meia de Peniche, chamada a Amoreira e escreveu para Lisboa ao editor Seabra, dizendo-lhe que fazia a cada passo as mais interessantes descobertas para esmaltarem o novo livro, porém que as despesas cresciam na proporção dos achados: cada lapide, cada inscripção, cada lenda, saíam-lhe por bom dinheiro, mas que o capitulo havia de valer — mil assignaturas. Rematava dizendo que lhe mandasse dinheiro para as Caldas da Rainha pela volta do correio. Mandou o moço entregar a carta, e quando elle regressou, já o nosso viajante estava hospedado na unica casa de venda que ha n'aquelle sitio, casa que nunca tivera hospede, mas que o recebêra, fiado na promessa de uma paga generosa. Á chegada do criado estava elle jantando salame que trazia na mala, e ovos fritos.

— «Lá deitei a carta, patrão.

— «Está bem. Senta-te e janta.

Findo o jantar o criado vendo-o sentado á porta a fumar, veio perguntar-lhe se queria que lhe aparelhasse a besta.

— «De certo; vamos dar por ahi um passeio em quanto é dia.

— «Então não vamos para Peniche?

— «Lá mais para diante. Quero primeiro observar este sitio com attenção.

— «Este sitio não tem nada que vér, valha-o Deus!

— «Aparelha o ginete.

Instantes depois novo heroe manchego, ahi ia elle passeando a cavallo de escudeiro atraz, por aquellas ruellas cheias de tojo, com fulminante pasmo da gente do lugar.

Horas depois estava reconhecido pelo parochio do sitio, que o tinha visto uma vez nas Caldas. Principiou a divulgar-se que elle estava n'aquella aldêa mysteriosamente: a circumstancia de elle ser *durruivense* o que equivalia a ser patricio dos da Amoreira, e viver em Lisboa, onde já era popular, incendiou

a curiosidade dos povos circumvisinhos. No dia immediato correu muita gente á casa de venda, a pretexto de comer e beber, mas simplesmente para o examinar. Teve até auctoridades; alguns regedores, e administradores honraram com a sua presença aquella casa. O locandeiro andava ebrio de alegria, e contou depois o *cicerone* ao nosso folhetinista, que ouvira dizer-lhe aos freguezes:

«É moço poderoso, ao que parece, que viaja incognito. Basta declarar-lhes que até o chouriço que come, anda embrulhado em prata.

Referia-se ao salame.

Á noite veio mais gente ainda; e Julio Machado conservou-se toda a noite fumando, bebendo e conversando, encostado ao balcão. Tal procedimento grangeou-lhe extraordinaria popularidade. Por vezes tentaram na palestra que se travára ácerca de coisas de Lisboa, provocar-lhe revelações; o regedor tambem desejava que elle se desembuçasse do incognito, e fallando do andamento nem sempre auspicioso das coisas publicas, disse para os outros, indicando o viajante com um sorriso:— «Quem tem juizo é quem eu cá sei, que lhe não importa a politica!» Os olhos fixaram-se todos no desconhecido, que fingindo não ouvir o dito, brindou com uma saude a sociedade da Amoreira, que ficou penhoradissima.

No dia seguinte chegou-lhe dinheiro de Lisboa. Na occasião em que pagava a conta, o locandeiro estranhou que se retirasse tão depressa e instou para que ficasse mais um ou dois dias.

— Fallemos francamente, acrescentou o dono da casa de venda; o senhor póde ficar e não paga nada: não sei ainda o motivo, mas o facto é que hontem tive a casa cheia de gente para o ver, e hoje irá pela mesma. São freguezes que ficam; não só fazem despeza, mas dão nome ao estabelecimento; por isso o senhor póde continuar a estar em quanto quizer que ninguem lhe pede nem real.

Era ou não uma escriptura vantajosa de *casa, cama e meza*, que o bom locandeiro lhe propunha? Resistiu-lhe porém o moço escriptor, que teimou em partir, deixando o pobre homem na maior consternação.

Julio Cezar Machado é dos mais ferteis e laboriosos talentos da nova geração. Há ainda que citar dois volumes firmados com o seu nome e tambem publicados pelo editor Seabra, — *Passeios e Phantasias e Historias para gente moça*, as biographias dos actores Tasso, Taborda, Isidoro, Sargedas e da actriz Soller, e varios artigos nos melhores jornaes litterarios do paiz.

Um gosto delicado levou sempre o imaginoso escriptor para o bom genero e para o lado bom tanto no folhetim como na vida. Em quanto outros da sua idade iam para a espelunca, para o botequim, ou para o lupanar; preferia elle luzes, perfumes, sociedade, artistas, hombros brancos, alvos braços, sêda côr de rosa, ricos donaires, modos elegantes, fina conversação, bailes e viagens. Sem se dar ares presumidos de quem melancolicamente se perde na contemplação das estrellas como se vagassem n'ellas as almas de seus avós, manifesta-se todavia, no seu porte uma natureza delicada e uma educação escrupulosa que lhe tem valido muitas sympathias e geral affeição no mundo elegante e illustrado. As viagens são a sua principal tendencia, — que se revella em todas as suas obras, onde a acção de ordinario ligeira e singela, serve apenas de pretexto á descripção dos logares do reino que tem visitado, como Porto, Coimbra, Peniche, Cadaval, Obidos, Nazareth, Montemor, Evora, etc.

Acordou, porém, um dia imaginando ir mais longe, imaginando ir a Londres e a Paris, e da imaginação á realidade distou — um mez; e d'ali a quatro safa a lume um livro intitulado — *Recordações de Paris e Londres*.

Julio Cesar Machado sente como Camillo Castello Branco profunda sympathia pelas ingenuas leitoras de provincia. O rumor do arvoredado, o canto do rouxinol, o brando susurro da fonte, que ouvem diariamente, torna-as mais entusiastas pela poesia e pelo romance — aquella, porque as rodeia; este, porque lhes falla de amor. Quando o auctor das *Scenas da minha terra*, em 1861 foi ao Porto, a segunda cidade do reino, festejou-o bisarramente. A imprensa toda acolheu-o como irmão e collega que prezava. Durante um mez que ali esteve, levou uma vida de triumpho a que soube ser grato no que depois escreveu a respeito dos portuenses. E honra seja feita ao Porto, que em sentimento nacional dá sempre o exemplo.

O character alegre e folgazão de Julio Cezar Machado, tem-lhe matisado a vida com algumas anedoctas curiosas. Entre ellas, ha uma que narraremos primeiro, passada na Nazareth, onde estava juntamente com elle na mesma hospedaria uma companhia de arlequins. Ouvindo-os fallar no espectáculo da noite, pediu-lhe licença para fazer o cartaz e dirigir a parte litteraria da funcção. Está claro que a idéa foi unanimemente applaudida pelos saltimbancos. Mandou então o nosso folhetinista pôr á porta este distico:

SCIENCIA E PROGRESSO

e logo por baixo :

HOMENAGEM Á SOCIEDADE

Resolveu-se depois que era util evitar as despezas do cartaz e substituiu-o por um discurso de um dos arlequins á porta a chamar gente, o qual principiava:

«Entrem os cavalheiros e as damas. Além de trabalhos os mais arriscados que possam vêr-se, temos a gloria de lhes mostrar dois phenomenos que não se pódem admirar senão comigo. É um menino de seis annos, bem conformado, tendo muitas trombas na cabeça, como qualquer elephante, e trombas por todo o corpo que elle não mostra com attenção ao pudor. Tem nas mãos um pataco com que nasceu: é de cobre. Foi a mãe que cubiçou um quando andava no seu estado interessante.»

Fiquem pois sabendo os leitores da *Revolução de Setembro*, que o seu elegante folhetinista, já foi... redactor de um cartaz de arlequins.

Mencionaremos outra. Quando lhe cahio no theatro do Gymnasio com grande pateada uma peça original intitulada *Paraiso, terra e inferno*, com vistas novas do pintor Rocha e musica do celebre Casimiro, disseram-lhe estes que o apresentariam ao Fradesso da Silveira, que redigia a *Revista dos espectaculos*, para lhe pedir que, a folha fosse benevola com a peça; respondeu que sim. Feita a apresentação, e depois de trocadas algumas amabilidades, Fradesso prometeu-lhe a maior indulgencia e até se lhe offereceu para tudo que podesse ser-lhe agradável:

«Visto isso, replicou Julio Machado, espero que me faça a fineza de dizer que a peça cahio por causa da musica do Casimiro e das vistas do Rocha, porque ambos são mais fortes do que eu.»

Como elles porém, reclamassem diligenciou fazer-lhes comprehender que semelhante pedido era filha da sua modestia.

Vejam agora os inconvenientes de ser auctor e folhetinista. O caso passou-se entre Julio Cesar Machado que desejava vender uma obra e um editor que lh'a queria comprar; mas, infelizmente não se combinavam no preço. Depois de larga discussão, disse o editor que era livreiro:

—«Pois muito bem, dou o dinheiro exigido se acceitar uma condição.

—«Venha a condição.

—«Lêr, analysar e recommendar aos leitores todos os livros

que se publiquem aqui, recebendo para esse fim um exemplar.

A resposta foi pegar Julio Cesar Machado no chapéo e sahir pela porta fóra: assim se desfez o contracto.

Que mais poderíamos dizer de um homem, tão moço ainda e que se tem até hoje dedicado exclusivamente á vida litteraria? — que é de estatura mais que mediana, cabeça regular e intelligente (o que não se encontra ao cima de todós os hombros) testa alta, olhos vivos e de soffrivel desenho, nariz africano cujas azas de uma mobilidade extrema se agitam de voluptuosidade, de enthusiasmo e de ardente alegria! que é um verdadeiro rapaz com todas as suas inclinações e crenças, que, tem levado quasi sempre a existencia fóra da estrada trivial sem se achar empregado, nem condecorado, nem deputado, nem casado, e tendo para os invejosos, (raça damninha e numerosa) o erro irreparavel de lhe haver sorrido a fortuna, que os que não a veem, fizeram céga. Finalmente ha n'elle mais de um homem, o folhetenista alegre, o jornaleiro que desde os dezeseis annos ganha a vida, o admirador constante do bello sexo, que não fita uns olhos negros sem estremecer, nem vé um collo de cysne sem cubiçar pôr-lhe os labios, o amigo devotado e o filho extremoso.

Não aventuraremos, nem aventurámos critica sobre as obras e sobre o escriptor, por que essa já lh'a fizeram pennas authorisadas e competentes, como as de Antonio Feliciano de Castilho, Camillo Castello Branco e Rebello da Silva. O nosso intento foi traçar unicamente n'estas paginas ds principaes episodios, que tem esmaltado a carreira litteraria de Julio Cesar Machado.

O que ahi escrevemos não é pois uma biographia: é apenas um folhetim sobre o folhetinista.

ERNESTO BIESTER.

OS GOTHERRES

I

Resultados do sol de maio sobre o terraço de Sob-Ripas



unca subistes ao magnifico terraço dos velhos paços de Sob-Ripas, celebres nas chronicas de Coimbra pela nefanda morte de Maria Telles?

Pois é ali, (posto que em eras remotissimas a tão barbaro evento,) que vae passar-se a primeira scena, de que resa o nosso conto. Inda não tinha volvido para a corôa, ou para a casa dos infantes, o dominio d'esse gothico palacio, que então habitavam, como casa principal da ordem, os cavalleiros do Templo, pelos meados do reinado do infeliz Sancho II, tempo em que cae a nossa historia. Por entre a profana caliça, com que mais tarde vestiram os austeros muros da casa, e no meio dos

rendilhados e recortados portaes d'algumas janellas, inda agora avultam na cantaria, em alto relevo, as cruces emblematicas dos Templarios.

Não estavam tão seguras as fronteiras da nova Estremadura, nem tão desavesados os mouriscos do Algarve de suas habituaes carreiras, que desappercebidos podessem dormir os christãos, inda mesmo dentro dos castellos, inda na propria côrte do reino, que então era Coimbra. As rivalidades de Galliza, e as dissensões d'el-rei com Roma, e com o clero, traziam além d'isso os animos revoltos. No santo alcaçar de Sob-Ripas estavam per tanto as sentinellas e escuitas nos seus postos de guerra.

Alvorecia um formoso dia de primavera; era Domingo de Pentecostes. Chegou a hora de renderem-se as sentinellas da noite. Sentiu-se ranger nos gonzos a estreita porta, que lançava do convento para o terraço. O cavalleiro que alli passára d'escuita metade da noute, agora quebrados os membros, e semi-adormecidos os olhos, com o frescor da alvorada, embuçou-se no seu largo manto, e enfiou trôpego a porta, trocando meia palavra, e meia olhadura com o companheiro de religião e d'armas que vinha substitui-lo. Este, esbelto de figura, grandes olhos á flôr do rosto, retorcidos bigodes negros, andar desenvólto e firme, armadura lustroza e elegante, rico manto de festa concertado e pregado sem affectação, mas com graça, atravessou com modo entre senhoril e descuidado as lages do quadrilongo, e depondo a lança, assomôu-se, e debruçou-se nas ameias do tôpo. Aquem assim o vira entrar e caminhar, mais lhe parecêra o compeador e namorado d'um torneio, que o celibatario professo de Sob-Ripas. Tambem o sangue e o coração lhe pulavan mais quentes que ao companheiro. Desatou e tirou o elmo sem importar-se com o rigor da disciplina; e deixou ondear livres pelas espadoas os encaracolados e penteados anneis de seus nêgros cabellos, que em poucos minutos suavemente aljofarou o matutino orvalho.

Chamava-se o moço templario, D. João de Gotherres. Era novel no mister da religião, e das armas, professo havia poucos annos, e filho segundo de D. Paio Gotherres de Menezes, um dos ricos homens e fidalgos mais abastados e nobres da côrte. A casa solar de sua familia, situada na margem opposta do Mondego no monte da Piedade, mui bem podia o mancebo vê-la e saudal-a do eirado do convento, illuminada a essa hora com os primeiros raios do sol nascente, que se reverberavam pelos vidros multicôres das galerias, e ogivas.

Mas não era para ali que seus olhos se viravam, e antes de dizermos o porque, e para onde, seja-nos dado descrever mui de leve o vistoso quadro e magnifica paizage, que Coimbra e suas cercanias representavam por este lado, e n'este dia, quadro e paizage

assoberbados pelo terraço dominador, e pelo guerreiro cenobita.

Já não estava a corte do Mondego n'estes tempos toda escondida, qual donzella recatada, dentro da negra facha de seus muros torreados, e a sombra gigante, do seu alcaçar, e sua torre de Hercules, como na época recente de seus Condes.

Desde que D. Affonso Henriques de cima d'essas muralhas se lembrára um dia de atirar com sua espada sobre Santarem e Lisboa, nunca mais houve receio proximo de que os Arabes, retrahidas para tão longe as suas frontarias, arriscassem uma entrada tão funda por nossas terras sem serem apercebidos. O arremeço d'aquella espada triunfante emancipára para sempre a bella Coimbra por isso ella inda no tempo d'este seu primeiro Monarcha, se atreveu a erguer timidamente um canto do seu véo de virgem, e a deitar o braço nido e despido para fóra dos muros, caminho do Mondego, no magnifico mosteiro de Santa Cruz, e seu arrealde. Não tardou pouco depois em pendurar-se risonha pelas vinhas e encostas do Arnádo, a atravessar de saia regaçada, como suas filhas, as transparentes aguas do rio, e a apparecer trepada na margem opposta sobre as cupolas e campanarios do bello mosteiro de Sant'Anna, que seculos mais tarde, as areias engoliram.

Nos tempos da nossa historia já avultava um pequeno arrealde da outra banda, desde a margem do Mondego, e cabo da ponte junto a Sant'Anna, pela encosta acima do Monte da Piedade, que vinha beber no rio, até o sitio da velha Santa Clara, que sobranceira áquella contava os seus setenta e dois degraus de pedra até á beira das aguas, se os documentos, e antigas chronicas não mentem. O arrealde de Santa Cruz havia tambem crescido em casaria, e quintas; e abaixo do Arnádo alevantava-se em meia construcção ainda, o magnifico mosteiro de S. Domingos, obra do desventurado Sancho II e cujos restos tambem as areias sorveram mais tarde. O rio hia fundo e apertado entre os copados salgueiraes das margens. Hoje o magnifico e lizo estendal de suas insuas verdejantes, e de seus copados laranjaes e alamedas, cobre de muitas braças todo este panorama que havemos descrito, e que os seculos foram successivamente enterrando, e substituindo. Mais perto da muralha para além do primeiro fosso, e enfiado em tortuosas e estreitas ruas, no caminho e ponte levadiça das portas d'Almedina, estava todo recém-nado e fresco o arrealde de S. Thiago. A igreja do Apostolo, rica da singela architectura semi-barbara, e semi-mourisca d'aquelles tempos avultava no meio do arrealde, airoza e desencostada como era d'uso; e não pejada ainda sob o informe capacete da casa e capellas da velha misericordia, que El-Rei Dom Manoel lhe pospozera, e cujas rendilhadas, e originaes feições de renascença, proprias da época do feliz monarcha, os secu-

los seguintes substituíram pelos frios portaes de angulos rectos, e a estúpida caliça e dealbação de rigor.

Ora sem irmos mais ávante no panorama da velha cidade, que não nos serve para o caso, basta saber que o terrado do nosso taful cenobita deitava sobre esta igreja de S. Thiago, como hoje deita, — que fronteira á porta travessa do templo, havia uma porta tambem travessa d'um quintal circumdado d'altos muros, que conduzia a uma casa de modesta apparencia, e que terminada a missa d'alvorada, uma figura esbelta, e ligeira coberta com larga mantilha negra atravessou com passo leve e rapido o breve transito das duas portas, e entrada no jardim, lançou para traz o pezado envoltorio que uma velha matrona acompanhante recebeu, e dobrou cuidadosamente nos braços; — e deixou patentes aos primeiros raios do sol nado, todos os encantos, galhardez, e formosura dos mais viçosos e bem acabados desoito annos.

Este quadro, que os meus leitores estão lendo, ou ouvindo com todo o sangue frio, não era visto com a mesma placidez do terraço de Sob-Ripas, onde uns olhos que scintilavam, uns labios que escaldavam, e um coração que pulava estavam fitos e extaticos na bella Coimbra; e cujos espiritos já incitados por tão persuasiva electricidade, eram de mais animados pelo reflexo creador e volúptuoso do sol de maio.

Não descreveremos a donzella, para não contrariar a imaginação com alguma das vinte mil descripções, que desde as Venus, e Helenas d'Homero, até ás Dulces e Elisas dos escrevinhadores de novelas, boas, ou más tem apparecido a lume. Que importa que fosse alva, ou morena, de tranças d'ebano ou d'ouro, d'olhos garços ou negros, verdes ou castanhos, se sabemos o que serve, e é que nunca mais completa lindesa á fertil imaginação do cenobita se apresentára!

Ou o joven Gotherres usasse de ha muito pascer os seus olhos por tão bello campo, em tal sitio, e a tal hora, ou fosse esta a vez primeira, circumstancia de que não resa o nosso conto, o caso foi que estava tão preso, embevecido, e enamorado na contemplação da bella vizinha de S. Thiago, que nem se tocassem matinas, ouviria, nem se lhe roubassem a espada sentiria. E tão certo que seu irmão D. Afonso de Gotherres, que muito o amava, companheiro d'annos e sangue, e que usava nos dias de festa vir passar com elle largas horas, já ha muito passeava no terraço entre aborrecido, e admirado, depois de haver tentado inutilmente por palavras, e por acções tirar o Templario do seu espasmo, sem que todavia se atrevesse a subir e a assomar-se ás ameias a descobrir o enlevo d'olhos de seu irmão, que o vedava a disciplina da casa.

Até que a dama depois de haver visitado, e regado as roseiras, e cravos do seu jardim, e tirado ou levantado durante esta azafema de cima de si affrontada pela calma, já o liso toucado que lhe apertava a cabeça, já as fartas mangas que lhe cingiam os braços, já o leve estofo que lhe cobria o collo, cujas consecutivas operações eram outras tantas farpas ardentes que se embebiavam no ardentissimo coração do cavalleiro; a dama depois de todos estes preparativos (que mau grado aos desejos e imaginação do cenobita não passaram mais adiante) na volta de um caramachão de murta enfiou ligeira pela porta da casa, e sumiu-se de todo. Foi então que o cavalleiro deixando o parapeito, e voltando-se escontra o terrado, deparou com uma olhadura, e uma gargalhada do irmão, que lhe disse com ar prasenteiro: Ora bons dias, mano.

— Bons os tenhas tu, Affonso, que eu não

— E porque não!?

Os olhos dos dois irmãos encontraram-se aqui, D. Affonso leu, e bebeu n'esta olhadura toda a angustia, e exaltada melancolia que lavrava no peito do irmão. Por isso o sorrir se lhe retrahiu dos labios, e tomando um aspecto grave, apoz breve silencio continuou n'outro tom:

— Eu adivinho os segredos da tua alma, irmão. Tu amas.

Os olhos dos mancebos tornaram a encontrar-se, e D. Affonso continuou:

— Tu amas, e amas pela primeira vez. Por isso estás triste.

— Irmão.....

— Socega, que eu não farei por erguer nem um canto ao véo do teu amor. E para assegurar-te vou primeiro abrir-te o meu coração. Não avalies pelo exterior prasenteiro das faces o estado da alma. Eu tambem amo irmão; e amo quasi sem esperanza. Tu sabes que depois da tua entrada na ordem do Templo fiquei eu o unico representante da nobre casa de nossos avós. Meu pae busca pela côrte uma dama grande e rica, que eu não amo nem conheço, para desposar-me. Eu preendi para sempre o meu coração e vontade a uma mulher angelica, e formosissima, pura e virtuosa, mas que meu pae nunca me concederá, porque é uma plebeia sem nome, cuja familia e origem ella mesma ignora.

A sua vida excentrica e retirada é um misterio para o mundo, mas a sua graça admanes, e cortesia revelam, se não o nascimento, ao menos a educação de uma dama illustre.— Digo-te que adoro essa mulher, D. João... Não te ponhas a olhar-me de travez com ar de duvida. Adoro-a com todo o fogo, com todo o enthusiasmo de minha alma sensivel.

— E se teu pae te apresentar ámanhã no limiar do seu palacio

uma formosa rica-dona adereçada com todo o apanagio da sua nobreza, riqueza, e parentella, tu esquecerás a mulher dos misterios, para dar a mão á dama das realidades.

—E se eu antes de dez dias arrebatat essa mulher que adoro, e abandonar a casa de meu pae?

—Tu não farás isso meu irmão.

Aqui o celibatario do Templo deixou inclinar desleixadamente a sua bella cabeça sobre o peito, e quedou-se largo espaço immovel encostado ás ameias, como que comprimindo dolorosamente no coração recondita angustia.

No entanto D. Affonso sem attentar na pesada melancolia do irmão passeava a largos passos ao longe do terraço, braços cruzados, e cabeça alta; com todo o garbo e cavalheiroso desleixo de sua idade e condição.

O rico manto de cavalleiro pendia-lhe sobre o hombro esquerdo ligeiramente preso com dois ricos cordões de prata. As alvas plumas da gorra ondeavam gentilmente, movidas pelo andar compassado do mancebo e pela suave brisa da manhã. A sua estatura, os seus negros cabellos anellados, o seu nobre semblante, os seus modos e maneiras, tudo o assemelhava inteiramente com seu irmão, a não ser que na expressão das duas tão eguaes fisionomias havia um não sei que, de soberanamente diverso, que revelava n'este a vontade presa, comprimida, refractaria do improvisado cenobita, n'aquelle toda a expansão dos desejos desaffrontados e impressos d'um nobre senhor quasi feudal d'aquellas eras.

Até que D. João saindo dos seus intimos pensamentos prerrompeu dolorosamente n'estas palavras:

—D. Affonço D. Affonço, que mal podes tu avaliar pela bitola fria, e sem tropeços do teu amor, a paixão ardente, desesperada, e furiosa do cavalleiro do Templo!

Mal podes comprehender, tu que estás livre perante Deus e os homens, tu, que a despeito de qualquer vontade do nosso velho pae, és sempre o unico successor de suas honras e haveres, e o absoluto dispensador dos teus desejos, — tu que podes amar ou aborrecer, cortejar ou abandonar, filhar ou desposar a teu bel prazer em face do mundo, todas as damas, ou zagalas, senhoras, ou plebeias da côrte, com tanto que a tua valente espada dê rasão de tuas acções ante quem a pedir em nobre campo; oh! mal podes tu comprehender a desesperação do homem, que fez offerta nas aras sagradas da liberdade do seu coração; e que no instante de reclamar de feito essa offerta extorquida d'assalto, vê por cima de sua cabeça a colera de Deus, e a espada dos homens! Oh! tu não avalias a desesperação do enamorado celibatario, que se definha de remorsos e desejos en-

tre as quatro frias paredes de sua cella sem outra companhia que o emblema sagrado antes ferrete sanguinolento de sua escravidão, e que tentando embalde o caminho das devassidões ao exemplo de seus confrades, guarda no seio o effecto mais frenetico, mas tambem o mais casto e sublime; e ao cabo não pôde legar á dama de seus pensamentos, se não uma herança de vergonha... D. Affonço, D. Affonço, quanto sou desgraçado! Oh! que dera eu por um anno, um dia, uma hora, da tua livre existencia secular! pela gorra, pela capa, pelos borzeguins d'um Gotherres, que não fosse o misero Gotherres de Sob-Ripas! por passar assim trajado como o homem livre, uma vez se quer,—só uma—pelas janellas da minha dama!—Irmão, eu daria dez annos da minha vida por esta illusão d'um momento.

O moço D. Affonço, ou pelo seu natural character, ou pela diversa posição social em que se achava, não era tão facil em impressionar-se pelas exaltadas idéas do sentimentalismo. Agradou-lhe esta proposta de seu irmão, e abraçou-a,—mais pelo desejo de vêr nascer fantasticas aventuras, que por annuir ao peditorio desesperado mas extravagante do Templario.

O caso foi que antes de poucos minutos os dois irmãos tinham trocado os vestidos. D. Affonço trajado com o manto e cruz do Templo, mettia galhardamente sentinella no terraço do Sob-Ripas;—ao principio nas ameias d'onde em vão com os olhos procurou alguma coisa, que não chegou a descobrir—e descorçoado depois, ao longo do lageado, todo absorvido em suas cogitações.—E o Templario vestido com o elegante trage secular do primogenito Gotherres pavoneava-se airosamente pela calçada das portas d'Almedina, caminho de S. Thiago. E mais d'um taful o cortejava com o nome de D. Affonço.

Esquecia-nos advertir, que ao tocar as mãos na despedida D. Affonço disse com ar prasenteiro ao irmão:—Antes de tres horas estarás de volta. Não é verdade?—Ao que o Templario com ar grave replicou:—Pelas cruces de nossas espadas, irmão, antes de tres horas.

II

De como dois leaes cavalheiros se acharam n'uma

desleal posição.

Nós não imitaremos o exemplo de certos romancistas, que invertem de proposito a ordem natural dos acontecimentos, para martyrisar a expectação dos leitores, e lhes fazer devorar á pressa algum capitulo intermedio, hem alheio ao cazo, mas que encha papel, es-

peculando assim com a curiosidade alheia. Não escrevemos por empreza mercantil. Por isso desperdiçamos transicções, descripções, e rodeios a que o fio da historia daria logar, e forneceriam boa dóse de capitulos, e palavras; e damos de mão aos caprichosos alvitres do bom tom romantico, sem nos importar com os applausos das turbas.

Escrevemos para nós, e para os poucos que quizerem lêr-nos; e guiados pela torrente da nossa imaginação, que não gosta d'encontrar obstaculos no seu caminho, vamos direitos ao nosso fim, sem olhar para a direita, nem para a esquerda, como o scholar novato, e pelúdo, caminhando no primeiro dia lectivo todo circumspecto, via de sua escola. E oxalá que mãos exemplos nos não afastem de tão bom proposito, que já n'estas poucas linhas nos ia escapando um prefacio, que é tambem cousa com que arrenegamos. E assim sem outro preambulo, e mais ligeiros que o joven Gotherres, saltaremos do terraço de Sob-Ripas para a travessa apicada de S. Thiago, de cujo apique, e estreiteza d'então se póde formar idéa, pelo que é ainda hoje, no seculo das estradas de mac-adam, e dos caminhos de ferro. E da esquina da igreja aguardaremos o nosso taful contrafeito.

Eil-o ahi vem pavoneando-se galhardamente com os ricos trages do irmão, dobrando a esquina do jardim, não sem lançar uma derradeira olhadura para uma pequena gelosia, onde debalde procurou vestigios da sua namorada. Chegado ao meio da ingreme travessa, o coração lhe deu involuntariamente um salto dentro do peito. Era o sitio da entrada escusa.

E com effeito lá está a porta enfeitada do jardim por onde vira em fim ha pouco a bella devota da missa d'alva. E o que é mais feliz, quanto menos esperado, a porta estava aberta, completamente aberta e escancarada.

Quem não arriscaria em tal posição uma olhadura de interesse sobre o jardim tão embalsamado e fresco, inda todo rescendente da vaporosa visão de inda agora! O Templario fez mais: apoz os olhos foram os passos. Ou fosse proposito, curiosidade, ou tentação, galgou desleixada, e naturalmente em uma chancada o limiar mysterioso: e eil-o a passear no jardim, a observar, e cheirar, as mimosas flôres regadas de fresco, e a sorver por ventura, aqui, e além n'um beijo apaixonado algumas d'aquellas transparentes gôtas de agua, que já passaram o gargalo da feliz enfuza a que a jardineira tem colado mais d'uma vez os labios sequiosos. A quem assim o vira tão guápo e senhor de sí, mais lhe parecêra um amator de plantas, que um cultivador d'amôres.

Depois ergueu os olhos para duas janellas que deitavam sobre

o jardim, e não vendo, nem ouvindo signal de fôlego vivo, foi continuando o seu passeio, e tarefa. Até que na volta d'um caramanchão de verduras, deparando com uma porta aberta, sem dar tempo a reflexões, nem pensamentos importunos, que o desviassem da sua feliz estreia, cedeu á segunda tentação; — e entrou na casa.

Entrado que foi, deparou á sua direita com um pequeno quarto ou escriptorio, onde viu apenas alguns papeis velhos, uma tunica de lã preta, e uns largos pantufos ou chinellas de homem, cuja côr e exactas dimensões, a aza do tempo, e do uso tornavam equivocas. Affastou instinctivamente os olhos do escriptorio vasio, cujo aspecto descordava um pouco com as idéas da fatidica mansão dos amores, que naturalmente occupariam a mente do nosso taful; e deparando com uma escada diante de si, trepou sem mais exame por ella acima.

Se no ultimo degrau subido palpássemos o pulso do joven cenobita, acharíamos por certo que as arterias lhe batiam mais forte que ao abrigo dos caramanchões e das flores no seu recente passeio; não porque o subir da apicada escada lhe altanasse o sangue, mas porque ao pôr o pé no derradeiro degrau, os derradeiros assentos de uma voz divinal, e melodissima animada pelo voluptuoso acompanhamento de um bandolim, vieram ferir os ouvidos ao nosso atrevido ascensor. Não trepidou todavia envolvido nos mais intimos penetraes de uma casa estranha e desconhecida. Um instante depois começou novo preludio, e nova aria. Tambem brotou no mancebo a terceira tentação. Lembrou-lhe quanto seria mais agradavel ouvir, e ver ao mesmo tempo a amavel cantora. E nos braços de sua estrella, deixou-se guiar pelos sons harmoniosos; e antes de poucos instantes eil-o, de sós a sós no mesmo aposento com a doce sereia, que outra não era que a devota madrugadora, e esbelta jardineira.

O aposento da dama, era como todos os aposentos das bellas de romance, uma estancia gentil e primorosa, mas nada tinha que se parecesse com os bellos e elegantes *boudoirs* do nosso seculo. Nem o rico toucador, nem o macio tapete, nem o fôfo sofá de molas, nem o bello store chinez, nem as diafnas cortinas de seda e cassa, nem a ligeira costureira de mogne, nem a quinta essencia de todos os espiritos, pastilhas, e perfumes de *Mompelas*. Mas se o leitor se accomoda com quatro bellos pannos de raz representando a surpresa de Marte, e Venus ná sua primeira noute de bôdas, a revista de Páris ás trez deusas nuas — a conversão da Magdalena christã, — e uma lucta athelectica entre Hercules e S. Christovão — se imaginar um catre liso coberto de damasco, seis grandes poltronas de pau de carvalho com suas almofadas de rico vermelho, uma boa alcatifa de granada, dous bellos açafates cheios de flores inda frescas,

uma charpa de lentejoulas estendida sobre um bastidor, e já meia bordada, e algumas peças de vestuario femeníl descuidadamente lançadas em amavel desordem pelas poltronas e leito; — se figurar a bella cantora sentada n'uma das cadeiras em frente da janella, e quasi no meio do aposento, conservando toda a encantadora liberdade de coberturas que tinha começado a patentear no jardim; se attentar nas duas tranças de seus cabellos, magicamente abandonadas sobre os bellos hombros nús; o pé esquerdo apoiado sobre um fôfo cochim, a perna direita cavalgando a sinistra, e desenhando n'esta posição sobre-posta os mais elegantes contornos, a saia de durante branco semi-apanhada n'este esforço deixando ver meio palmo de lisa meia de linho alvissimo, e ao cabo um pé esbelto, e pequeno em cujo extremo se abalancia curta chinella de velludo verde, e cujas maravilhosas proporções fazem adivinhar as perfeições immediatas; — uns dedos angelicos segurando o bandidim, e preludiando nas cordas os mais enfeitados e amorosos accents; a bocca semi-aberta no meio de uma cadencia, patenteando duas ordens de ricas pérolas, e exalando um halito de rosas; tudo isto illuminado frouxamente pela creadora luz do sol de maio, filtrada a custo pelas rotulas de uma gelosia, e pelos festões de uma sanefa escarlata; — imagine-se tudo isto, e eis a scena encantadora, que se offereceu aos olhos enlevados do Templario ao vadiar com passo atrevido os umbraes patentes do aposento muito recatado da cantora.

O cavalleiro, que tinha sido guiado até ali por um condão magico, ou antes por um instincto indefinivel de felicidade, quasi sem que o pensamento tomasse parte nas suas acções, chegado agora ao desenlace forçoso de uma aventura, em que a sua lingua devia, como de leal, e cortez cavalleiro, que era, dar a razão e explicação do seu atrevimento, vê-se de subito abandonado d'aquella galante e espirituosa audacia, que tinha caracterisado as suas tres tentações, e enlevado de mais na fastastica apparição do aposento, e da dama, quèda-se immovel, e silencioso, encostado quasi sem fôlego aos umbraes da porta com que por felicidade deparou, extatico sobre a amavel visão. E largas horas permanecéra n'aquella attitude, se o resfolgar vehemente de sua respiração comprimida não revelasse á descuidada cantora a presença de um estranho.

Aqui foi que o condão de sua ventura o tomou de novo pelo braço, poupando-lhe uma explicação por ventura impossivel. — A dama tornada a si do sobresalto necessario, que tal surpresa devia motivar-lhe, ergueu-se, estendeu a dextra formosa para o Templario, e disse-lhe em voz entre sentida e meiga:

«Que medo me causastes, senhor de Gotherres!

O moço, ao ouvir assim n'esta curta phrase, nomear o seu nome, reconhecer a sua pessoa, e quasi que perdoou a sua audacia, precipitou-se sobre a bella mão, que cobrio de osculos de fogo, e deixou-se caír de joelhos ante a bondosa formosura, que acabava de captivar-lhe com aquella apostrophe animadora o resto da vontade.

A dama continuou:—Senhor de Gotherres, que me perdeis!... Que ousadia! que atrevimento!—E depois com voz mais terna:—Gotherres, Gotherres, que não sabes como te amo! Gotherres, que irei contigo para onde fores! Oh! eu sabia que me amavas, mas não imaginava que fosse tanto. Oh! livra-me d'este maldito velho que me guarda encerrrada em vida. Fujamos, sim, meu Gotherres, hoje, amanhã, quando quizeres, vem buscar-me, que Beatriz, a tua Beatriz ha seguir-te aos sertões da Mourama, se for preciso...

E mais ia por diante a religiosa exortação, cujos sons se filtravam suavemente pelos poros mais intimos e delgados do coração absorto do Templario, quando o bater d'uma porta no andar inferior gelou a palavra nos labios contrahidos, e tremebundos da formosa Beatriz, que soltando um ai de terror, empurrou porta fóra o cavalleiro, e lhe disse com voz entrecortada, á despedida:—O meu algoz... foge... oh!... quando virás buscar-me?—Hoje.—A que horas?—Meia noite.—Aonde?—Á porta de S. Thiago.—D. João já tem passado duas salas, e galgado meio corredor, quando seus ouvidos distinguem o preludio d'ainda ha pouco, e a voz agora menos firme da dama, dizendo em sua cantiga:—Á porta de S. Thiago, á meia noite.—O Templario guiado pela mesma força instinctiva que o tinha conduzido, atinou sem pensar, com o caminho da escada, e já ia a vadeal-a de dois pulos quando esbarrou cara a cara com um obstaculo, que na precipitação de sua carreira não havia distinguido. Era o reverso do quadro. Achou-se peito a peito com outra mulher nos braços, tambem transtornada de susto, e com o coração a bater-lhe rijo no peito. Mas d'esta vez era a velha mais hedionda, encarquilhada, e diafena da peninsula christã. Os seus labios chegaram a tocar as desgrenhadas, raras, e brancas melenas, que mal cobriam o sebento casco da nova Megera.

E os seus braços cingiam um feixe d'ossos angulares que no complexo valente, mas involuntario, (absolutamente involuntario,) pareciam deconjuntar-se. D. João deixando estirada de costas no soa-lho do corredor a pobre velha, fez-lhe escorregar por entre os nodosos dedos uma bolsa de maravedis, cujo contacto suffucou na fauce da mal encontradiça um grito de soccorro; e eil-o são e salvo no fundo das escadas.

Mas qual foi o seu assombro, quando dirigindo-se á porta, depa-rou com ella cerrada! Volta-se como um raio para o escriptorio dos

pantufos : a porta do escriptorio jaz hermeticamente fechada, e segura. N'um relance d'olhos não vendo outra sahida, trepa de novo pela escada acima. Eil-o de volta ; no alto da escada cerrou-se violentamente uma porta, e os sons da tranca de ferro que a barrava vem repercutir-se nos angulos da forçada e original prisão do cenobita. O cavalleiro absorto fa ajustar, e ordenar as suas idéas confusas agora chamadas do centro da vida pelo risco da posição. Não teve tempo. Um novo écho, um som que lhe assoitou todas as fibras d'alma, um brado que fez cahir desfeitas a seus pés todas as illusões do coração, veio gravar-se claro, e distincto em seu ouvido. — Era a trombeta sancta dos Templarios de Sob-Ripas, que tocava a rebate.

Os esforços, as contorsões, os gritos, que o cavalleiro empregou para poder evadir-se a este carcere vergonhoso, correr á chamada, onde a sua honra, e a honra de seu irmão o evocaram, ninguem os poudo ouvir, — ficaram para sempre abafados pelo estrondo dos bronzes de S. Thiago, e de todos os sinos, e sinetas da cidade e seus arrebaldes, que tocavam desesperadamente a rebate ; pela vozeria do povo que corria em sedições e bandos em roda das muralhas, pelo tropel dos ginetes de guerra, que desciam incessante a todo o trote pelas calçadas de Almedina, e pelo rouco som das trombetas e clarins reaes que tocavam alarma das torres, e do alcaçar. O cavalleiro depois de baldar todos seus esforços para arrombar alguma das tres portas fataes, que lhe embargavam a sahida, depois de esgotar as expressões mais energicas e afflictas a pedir soccorro, depois de invocar mil vezes o nome de seu irmão, cobardemente sacrificado a uma intriga amorosa ; porque a disciplina dos Templarios era terrivel, e inexoravel no estado de guerra ; fatigado al fim e quebrado de animo, e forças, ora scismando se porventura tudo isto era um sonho, ora disgraciando-se pelo seu mau fado, sentiu de repente amontoar-se o sangue, e baralharem-se-lhe as idéas no cerebro, e cedendo á impressão de uma forte vertigem, rolou de degrau em degrau pela escada abaixo, e ficou estirado como morto no patamal ; onde o deixaremos em quanto dura a sua vertigem.

No entanto, na crasta de Sob-Ripas, o Mestre do templo passava escrupulosa revista a tres duzias de robustos cavalleiros armados em guerra, chamando individualmente a cada um pelo seu nome, como era d'uso. Ao pronunciar o nome de D. João de Gotherres, sahio de dentro da calada viseira de um mancebo uma voz tremula, como que accusando a deslealdade da primeira mentira, que disse:— prompto !

VISCONDE DE GOVEA

(Continua)

FERNANDO

(Conclusão.)

Julho—8—Ao pôr do sol.

Hontem chegou Helena; eu fôra esp'ral-a
Na ribeira d'alem; o que sentimos
Ao vermo-nos então — não se descreve,
Mas sabe-o o coração, que é quanto basta.
Vinha pallida e triste, nos meus beijos
Encontrou viço e côr; vinha abatida,
Mas sorrio venturosa entre os meus braços.

Eu sentia-me mal, mal como nunca.
De que? porque razão? seria acaso
A tristeza do amor que me affligia?
Oh, de certo que não! mas vendo apenas
Um sorriso feliz rodar-me os labios,
Ella pensava então que eu remoçara,
P'ra viver ao seu lado eternamente.

Dei-lhe o braço e partimos; quando entrámos
Na nossa pobre aldêa, o doudo bando
D'aquellas creancinhas que folgavam
N'uma manhã de maio, atravessava
Modulando os seus carmes predilectos:

— « Eu sou pequenino,
Bem o sei, bem sinto,

Mas mentir, não minto,
 Pastorinha ouvi:
 Quando eu fôr crescido
 Viverei contigo
 No casal amigo
 Que se vê d'aqui. » —

« Lindas pastorinhas,
 Que fazeis, vaidosas?
 Vinde colher rosas,
 Não scismeis em vão;
 Quantas pastorinhas
 Morrerão d'amores,
 Sem colherem flores
 Que adorando estão! »

• Olhei-a, ella còrou, e alguns momentos
 Ficou muda a pensar; depois sorrindo,
 Como ao deixar um sonho deleitoso,
 Disse-me só: — « Talvez, talvez o canto
 « Fosse aviso do céo! mas essas flores
 « Que incauta mão ceifou, para n'uma hora
 « Lhe tomarem o cheiro inda innocente,
 « Que hão de fazer depois, quando ficarem
 « Desbotadas e murchas na devesa? »

« Tu sorris e passas
 Pastorinha louca,
 Mas a tua bôca
 Balbucia... o que?
 Quando eu for crescido
 Viverei contigo,
 No casal amigo
 Que d'aqui se vê! »

« Lindas pastorinhas
 Não scismeis d'amores,
 Vinde colher flores,
 Vosso peito ornae;
 Quando a rosa murcha
 No calor do seio,
 Não tenhaes receio
 Se esfolhada cae? »

« Perfumada brisa
 Lhe virá da serra,
 Subirá da terra
 P'ra voar ao céo:
 Lindas pastorinhas
 Que fazeis formosas?
 Vinde colher rosas
 Que a manhã rompeu! »

E colhêmos as rosas, e aspirámos
 O perfume subtil d'aquellas flores;
 Mas agora, meu Deos, — responde, agora
 Que hão de murchas fazer? ornar-me a campa?...

V

Julho — 15 — ás 11 horas da manhã.

Ha seis dias que soffro; estar enfermo
 É bem triste, não é? viver recluso
 Sem ver o sol, sem ver os pequeninos
 Que saltam pelo val, que vão seguindo
 As borboletas mil folgando livres,
 Sem respirar nas brisas que sussurram; —
 E entrever um futuro que se tolda
 Cada vez mais, — gemer no desconforto
 É bem triste, meu Deos; oh, mas quem sabe
 Se heide tornar a ver tantas delicias!

O medico não deixa um só momento
 De velar junto a mim, que santo velho!
 Quando me vê scismar, toca de leve
 Na minha frente, e diz-me co'um sorriso:
 — « Em que pensa? bem sei que esta poesia
 « Hade gastar-lhe embalde as horas todas.
 « Ora esqueça os seus versos; não se engolphe
 « Em vans cogitações, despreze as rymas,
 « Mais as musas gentis que invoca sempre.
 « O tempo dos orpheus passou d'ha muito;
 « Hoje quem canta só morre de fome.
 « É preciso escrever na prosa altiva,
 « No pedregoso estylo dos politicos;

« Trovejar nos comícios, ser tribuno,
 « Arranjar tres commendas farfallhudas,
 « E ao vento da ambição soltar a vela! »

Isto dizia o velho; eu respondia-lhe
 Mil tontices talvez, e o pensamento
 Tornava a divagar de sonho em sonho.

Quando deram tres horas levantei-me
 Para escrever um pouco á minha Helena:

A Helena

C...—Julho—15—às 3 horas da tarde

Ai, Helena, bem tristes momentos
 Me tem vindo enlutar a existencia;
 Como punge a saudade na ausencia,
 N'esta ausencia tão longe de ti.
 Só de noute sonhando me alegro
 Porque julgo sentir-te ao meu lado;
 Só nos sonhos evoco o passado,
 Onde esta alma se espraia e sorri.

Não te esqueço, não creias! suspiro
 Por deixar este leito de dorés;
 Quero alegre vagar entre as flores
 Quando a aurora desponta no céu:
 Quero á tarde sentar-me contigo,
 Esconder no teu seio o meu rosto,
 E banhado na luz do sol posto
 Repetir-te mil vezes: «sou teu!»

Pois de que, de que serve esta vida
 Que em minha alma conserva o destino,
 Se não vejo o semblante divino
 Que aos meus beijos se inflamma em rubor?
 Que me importa que o sangue agitado
 Inda corra em meu peito anhelante,
 Se o teu seio palpita distante,
 Se distante suspirás d'amor?

Não, não tarda que eu volva contente
 Aos meus dias de paz e d'encanto,
 E que enxugue em teus olhos o pranto,
 Bemdizendo os mandados do céo.
 Não, não tarda que alegre e ditoso
 Vá sentar-me no amigo recosto,
 E que esconda em teu seio o meu rosto
 Repetindo mil vezes: « sou teu! »

VI

Agosto — 4 — ao alvorecer.

Eis-me de novo bom; talvez de tarde
 Saia a gosar do campo. Oh, como o dia
 Será longo p'ra mim; que longas horas
 Heide passar aqui, antes de vê-la.
 Mas heide vê-la, ama-la, uni-la ao peito, —
 E o coração sorri-me d'esperança! —

VII

Agosto — 4 — ao sol posto.

Ditosa, contente,
 Risonha, sem pena,
 Sentara-se Helena
 No monte d'além;
 Fui pôr-me ao seu lado,
 Protestos fizemos,
 E os beijos que demos
 Andaram por cém.

O sol que descia
 No vasto horisonte,
 Dourava inda o monte
 Com doce clarão;
 Cantavam as aves,
 O prado sorria,
 Pullava a alegria
 No meu coração.

O vento da tarde
 Batendo o pinheiro,

Soprava ligeiro
 Vertendo frescor;
 E os echos sumidos
 Que ao longe se ouviam,
 Diziam, diziam
 Segredos d'amor! —

N'um fragil arbusto
 Que ao perto avultava,
 Não sei que chilrava
 Mansinho e tambem...;
 Que vida, que enleio,
 Que instantes gostosos
 Passámos ditosos
 No momento d'além! —

— « Sou tua, só tua,
 Meu bem, minha vida; —

— « Meu anjo, querida,
 Não còres, sou teu! » —

E as brisas cantavam
 Beijando teu rosto,
 E a luz do sol posto
 Brilhava no céu!

— « Bem haja o destino
 « Que inflamma o meu seio;
 « Não tenho receio
 « Da sorte porvir:
 « Nem sombra d'angustia
 « Me passa na idéa;
 « Minha alma que ancêa
 « Parece sorrir! »

Corriam as horas,
 Nascia a ventura,
 Na densa espessura
 Crescera o rumor;
 E os echos sumidos
 Que ao longe se ouviam,
 Diziam, diziam
 Segredos d'amor! —

A lua que vinha
Dos montes rompendo,
Ouviu-nos dizendo
Co'os olhos no ceo :
—«Sou tua, só tua,
Meu bem, minha vida ; —
«—Meu anjo, querida,
Não cores, sou teu !»—

Deixei-a, partimos, —
No funebre instante,
De um beijo anhelante
Pendendo fiquei ;
E o choro corria
Na face mimosa
Da candida rosa
Que ardente aspirei.

Deixei-a, partimos, —
Descemos do empyreo ;
Que immenso delirio,
Que immenso, meu bem !...
Que vida, que enleio,
Que instantes gostosos
Passámos ditosos
No monte d'além !

VIII

Agosto 20 — ás 8 horas da tarde. — No mar.

O barco era ligeiro e o mar de rosas.
Uma esteira de luz brilhava tremula
Escumando na popa ; um vento fresco,
Suspirando de leve, enchia a vela.
O barqueiro Lourenço hia na proa
Sentado a meditar ; de vez em quando
Soltava a meia voz uma cantiga.
Helena hia comigo, — um pouco pallida
Descansava em meu peito a casta fronte.
Dava-lhe a lua em cheio, — aquella alvura
Augmentava a belleza encantadora
Do meu anjo d'amor ; era ditoso

Ao vêr-me só com ella, só, perdido
Na vastidão do mar que suspirava.

A barca era ligeira, o mar de rosas,
E o barqueiro Lourenço — dormitando —
Soltava a meia voz esta cantiga :

Rio abaixo, rio abaixo
Vae Ramiro a velejar ;
Na proa da sua barca
Em rollos se quebra o mar.

Sósinho vae, pensativo, —
No que irá elle a pensar ?
Rio abaixo, rio abaixo
Vae Ramiro a velejar !

Diz alguém que são tristesas
Com que amor o quer rallar ;
Mas Ramiro nada conta
Quando passa a suspirar.

Quando á noite na ribeira
Vem sua barca varar,
Diz alguém que são tristesas
Com que amor o quer rallar !

Lá se fez de todo ao largo,
Lá deixou de bordejar ;
Onde irá pelo mar fóra
Sentado sempre a scismar ?

Vão-se as ondas engrossando, —
Quem o podera avisar !...
Lá se fez de todo ao largo,
Lá deixou de bordejar !

Ninguem mais soube na terra
Onde o triste foi parar ;
Sua mãe, velhinha enferma,
Cegou de todo a chorar.

Ao cabo de quatro mezes
Deixou-se a pobre finir ;

Mas ninguém soube na terra
Onde o triste foi parar!

Lourenço immudeceu, — tocára em terra.
«Querem saltar?» nos perguntava o velho,
Em quanto hia dizendo em voz baixinha
O derradeiro verso da cantiga;
Sem responder desembarcámos logo.

Fomos tristes andando, — o bom do velho
Fez-se ao largo depressa; mas o vento
Que vinha lá do mar, inda nos trouxe
Por largo espaço o canto melancólico!

IX

Setembro 14 — Ao meio dia.

Aproxima-se o outono, as minhas penas
Cada vez me recrescem mais saudosas.
Respira-se um perfume de tristesa,
N'este silencio mudo das campinas.
As musquetas bravias que enfeitavam
O muro do jardim, vão definhando,
Como os lyrios do val, como a ramagem
Dos pinheiros que avultam pela encosta.
Porque me sinto triste? que amargura
Me enlucta os seios d'alma sem motivo?

Hoje quiz ler, peguei n'um livro acaso,
Sem saber onde, abri-o pensativo.
Porque tremi depois? que me importavam
Esses funebres versos de um poeta
Que morre ao pôr do sol, como as folhinhas
Com que o sôpro do outono alastra o campo?
Morrerei eu tambem, quando estas ramas
Forem perdendo o viço e o fresco aroma?
Oh, morrer é bem triste, quando alvejam
Na fronte as raras cans d'annos maduros;
Mas morrer moço, amante, arrebatado
De ardente inspiração; deixar o mundo
Quando um verbo de fogo abraza a mente, —
Oh, bem sabes, meu Deos, quanto é mais triste! —

X

Setembro 28 — Ao anoutecer.

Esteve hontem aqui, — foi pouco o tempo,
 Pouco me pareceu, que a minha Helena
 Ao pé de mim se demorou sentada.
 Chorou muito, chorou, — presentimentos
 Eram talvez, de que? — quem o ignora!
 O medico sorri quando eu lhe fallo
 D'expirar n'este mez, quer socegar-me,
 Quer illudir-me, e a desgraçada alegra-se
 De ouvir ao santo velho estas palavras:
 — «Isto não vale nada; em pouco tempo
 «Hade erguer-se d'aqui, subir os montes,
 «E fazer quatro versos namorados
 «Ás florinhas gentis que inda vecejam!» —

Quando elle emfim partiu ficámos tristes.

O sol baixava então; um frouxo rayo
 Batia em minha fronte; — era um convite
 De partida, talvez, — talvez? bem certo
 Me entrou pela alma o negro pensamento!
 Não chilravam as aves, não se ouvia
 Um murmurio sequer; triste, abatida
 A natureza inteira descansava.

De repente escutámos, — era um canto
 Longinquo, sim; mas conhecido, alegre,
 Festival, inspirado, ardente e puro,
 Como os labios em flôr d'onde partia:

«Lindas pastorinhas
 Que fazeis, formosas?
 Vinde colher rosas,
 Vosso peito ornai;
 Quando a rosa murcha
 No calor do seio,
 Não tenhais receio
 Se esfolhada cae!»

«Perfumada brisa
 Lhe virá da serra ;
 Subirá da terra
 P'ra voar ao céo.
 Lindas pastorinhas
 Que fazeis, formosas ?
 Vinde colher rósas,
 Que a manhã rompeu !»

Erguemo-nos, febrís, allucinados
 De uma infernal paixão ; loucos, perdidos
 De magico furor, n'um longo abraço
 Tragámos quanta vida se agitava
 Nos nossos corações, sorrindo unidos !
 Relampago fatal ! foi negra a noite
 Que apoz lhe succedeu ; — desfallecido
 Sentia evaporar-se-me a existencia,
 Como um fumo subtil que o vento leva ! —

Fenece o livro aqui ; — eu, como disse,
 Quando as folhas caíam do arvoredó
 Vi-o cair tambem ; quando expirava
 Balbuciou : — «Helena!... Helena!...» e a voz suave
 Nem um gemido mais soltou no mundo !

Ella chorou, chorou por largos dias ;
 Depois, a humilde relva hia crescendo
 Sobre a terra d'além, — fez-se tão alta
 Que de todo cobriu quantas lembranças
 Podiam ver, talvez, seus olhos tristes !

O poeta expirou ! Cá n'este mundo
 De vates immortaes que fazem lôas,
 E a quem todos cortejam reverentes,
 Ninguem por isso deu ; — mas o sol posto,
 Mas os ramos do val, mas os murmurios
 Da viração subtil, generam tristes
 Pelo som d'essa voz que a Deos subia,
 Ou que saudava a terra em flebeis hymnos !

E. A. VIDAL.

A ERMIDA DE CASTROMINO

XXII



ão melhorou D. Barbara Coutinho. Sobre ser de idade já adiantada, e ter passado os melhores annos da vida em angustias e receios por causa da legitimidade do seu casamento, e por amor da sorte de Henrique, apertára-lhe cruelmente o coração a noticia do casamento de D. Anna de Oliveira com Salvador Lopes. De que valia a qualidade de herdeiro primogenito da familia d'os Mellos de Coimbra, reconhecida pelos tribunaes no filho de D. Bar-

bara, e de que servia a riqueza que d'ahi lhe provinha, se a ventura de Henrique, e a sua propria estavam unicamente no ajustado consorcio com a filha de Manoel de Oliveira?

Isenta da embriaguez de affectos generosos em que Salvador Lopes, D. Anna e Henrique de Mello se esqueciam de todas as amarguras que a sua situação reciproca lhes agourava, e resumindo

todo o amor no filho e em D. Anna, porque já lhe parecia metade do seu Henrique, D. Barbara horrorisára-se das penas em que viveria um mancebo que assim era firmemente sujeito á escravidão voluntaria da honra e do pundonor, como de compleição extremamente apaixonada e de coração mimosamente sensível.

Desde que ella recebeu de Coimbra em uma carta do filho a fatal noticia, não teve uma hora de tranquillidade. Muitas vezes dizia a sós comsigo :

—Pobre rapaz! Salvou o seu velho protector, e a si proprio se matou, e a mim tambem. Pagou cara a divida, mas fez bem, coitado!

De noite em sonhos figurava-se-lhe que lhe haviam morto o seu querido Henrique, e via-o já no ataúde, e logo depois sob a lousa que lhe parecia transparente como cristal. Era estreito o cemiterio, e tão affastado que mal divisava outras campas, e as breves inscripções que julgava descobrir n'ellas. E accordava suffocada, afflicta, acabrunhada por tamanha desgraça; queria chamar, e não ousava ter confidentes para dor tão intima; lembrava-lhe accender a luz, e não se atrevia a fazel-o de puro temor de que a claridade lhe mostrasse realisado o que a imaginação lhe fingira em sonhos. A final chorava, chorava, a triste, até ao romper d'alva, e vivia em cada noite annos e annos de vida.

Ao cabo de tanto padecer sem ao menos desafogar com o filho para não accrescentar ás dores da existencia de Henrique a noticia de tão estranha anciedade, amanheceu um dia com febre tão violenta que para logo declarou o medico de Agueda não responder pela doente, e que seria bom chamar outros facultativos. Assim o fez o procurador da caza, escrevendo para Aveiro e para Coimbra no mesmo dia. Quando Henrique de Mello se apeiava no espaçoso pateo da Lagem, chegavam tambem da cidade, que espreita de longe o manso desaguar do Vouga, dous medicos dos que ali eram mais affamados.

Conservára a enferma todas as suas faculdades apezar da intensidade da febre, já reconhecidamente typhoide, mas não quiz receber no quarto senão o filho.

—Agora posso morrer, disse D. Barbara com voz enfraquecida. Já te vi, meu Henrique.

—Não ha de morrer, minha boa mãe, respondeu o filho com affectada firmeza, mas notando a situação perigosa da enferma. Não ha de morrer. Ali estão dous medicos de Aveiro. Encontrei-os perto d'esta caza, e pedi-lhes que a viessem ver.

—Não, não, isso não. Agradeço o teu cuidado filial, mas eu só te quero ver a ti; tu tambem és medico, e para o meu coração és o

unico. Senta-te ahi, da-me a tua mão, falla-me, dize-me que ainda vives. Olha; sonhei que estavas morto. Era delirio da minha imaginação. Ainda bem, meu Deus!

Socegue, minha mãe, replicou Henrique ajoelhando perto do leito, para a sua molestia é o socego o melhor remedio. Eu aqui estou vivo, e contente, se conseguir que se restabeleça.

—Contente! Pobre alma! Tu contente? E dizes bem, contente de me salvares a vida, de acudireres aos outros, de espalhares a felicidade para todos os lados, e sem curares da propria ventura. Muito bom és, meu Henrique! Deus te abençoe, como eu o faço agora, e como tu mereceste sempre.

—Mal d'aquelle cuja felicidade em grande parte senão compõem da ventura alheia! Mas agora minha mãe, socegue o espirito, e dê licença que os medicos venham vê-la.

—Pois sim, Henrique, sim. Eu faço o que tu quizeres. Logo entrarão. Agora levanta-te, senta-te ahi mais um instante. Quem sabe os que eu ainda terei de vida?

Sentou-se Henrique junto do leito em que jazia D. Barbara, e nem lhe excitou nem lhe promoveu as confidencias ácerca das suas angustias e visões, asseverando-lhe com tudo sempre que era feliz porque julgava ter cumprido os seus deveres.

N'essa mesma noite, e na occasião em que chegavam os medicos a examinar o estado da enferma, uma congestão cerebral acabou com todos os padecimentos de D. Barbara Coutinho, e ajuntou mais uma dôr profundissima ás que já opprimiam o malfadado coração de Henrique de Mello.

Contava com as consolações maternas o desditoso mancebo, e iam faltar-lhe agora quando mais as estava requerendo o cruel martyrio a que se condemnára! Esperava refugiar-se junto de D. Barbara, não para se esquecer de D. Anna de Oliveira, mas para fallar d'ella com quem lhe conhecia os dotes superiores, e até esta consolação lhe fugira para sempre! Desditozo Henrique!

Ás solemnes exequias de D. Barbara accudiram a nobresa e cle-rezia d'aquelles arredores, hospedando-se os parentes da familia na propria quinta da Lagem, como é costume na provincia, e assistindo quasi todos ao banquete do mortuorio, uso cruel a que mal servem de desculpa as distancias, que têm de percorrer os convidados, e o desconforto das raras pousadas que se encontram por esses caminhos.

Passados os dias consagrados ao terrivel supplicio de ouvir manifestações sentidas a pessoas que a cortezia e não o pezar reune em torno dos doridos, escreveu Henrique de Mello para Coimbra a dar parte do acontecimento aos seus amigos de casa de Manoel de

Oliveira. Depois encerrou-se no quarto mais afastado que dava sobre o jardim, e em que D. Barbara tinha reunido uma pequena galeria de familia.

Ali costumava acolher-se a mãe de Henrique nas horas mais tristes da sua voluntaria solidão, como se em verdade encontrasse n'aquelle recinto para a distrairem das suas magoas o marido, o filho, e D. Anna com Manoel de Oliveira, cujos retratos Henrique lhe mandára de Coimbra. Ali foi tambem refugiar-se o desventurado mancebo, e consultar o proprio coração, porque assim o digamos, em face dos quatro entes que mais amára sobre a terra, a ver se ainda lhe restava força moral para resistir a tantas e tão repetidas calamidades.

Interrompeu esta profunda concentração o procurador da casa para lhe entregar tres cartas de Coimbra, uma de D. Anna e as outras de letra que lhe não era inteiramente desconhecida, mas que de repente lhe não occorreu de quem podia ser. Henrique de Mello recebeu as cartas, mas não lhe lembrava abril-as. Mantinham-lhe o espirito em profundo lethargo os acontecimentos dolorosos de que o leitor já tem larga noticia. Não meditava. Media com os olhos da alma a profundidade do abysmo em que se encontrava, e ainda lhe pareciam fabulosas tão repetidas desventuras.

Tomou por fim a carta de D. Anna, levou-a aos labios e beijou-a com amor. Depois como se aquelle beijo houvera sido um crime, arrojou-a de si, sem que os olhos inundados de lagrimas vissem ao certo onde caíra. Abriu machinalmente uma das outras. Era de Alvaro de Araujo e em termos concertados e affaveis que mal pareciam d'elle. Tão discretamente conciso e suave se manifestava em poucas linhas o sentimento banal d'aquelle genero de escriptura.

A segunda carta era de D. Christina, e dizia assim:

«Compreendo a profundidade das suas magoas e sinto-as como se minhas fossem. Quero-lhe como a amigo, venero-o agora como a um martyr, e observo d'aqui toda a intensidade dos seus padecimentos.

«Desejaria offerecer-lhe alguma consolação. Não posso. Era necessario ter alma igual á sua, e confesso que a não tenho. São tão raras!

«Acceite os meus bons desejos de o confortar, e se a amizade sincera de uma boa rapariga que sempre consagrou grande admiração ao seu character sublime, lhe pôde conceder algum lenitivo, lembre-se ás vezes da minha estima e affectuosa consideração, como eu me lembro sempre das suas excellentes qualidades.

Christina. »

Nos mais duros transe descobria sempre o espirito inquieto da ambiciosa irmã de Alvaro de Araujo algum ensejo favoravel aos seus designios, e buscava tenazmente por entre as desgraças alheias o risonho futuro que desde muito sonhára. Apenas lhe constára a morte de D. Barbara, dictou uma carta sisuda ao irmão, obrigou-o a não accrescentar nenhuma das suas malicias, e escreveu a Henrique de Mello de modo que não excedesse a sensibilidade que o caso pedia, nem lhe occultasse a sympathia que até certo ponto desejava revelar-lhe.

Era porém outro o principal intuito d'aquella carta. Imaginava D. Christina que Henrique de Mello, saudoso de D. Barbara, procuraria afastar-se dos sitios que a toda a hora lh'a recordavam, e que o coração o arrancaria de sobre a sepultura materna para o arrastar a Coimbra, onde o seu nobre character tinha tambem sepultado outro amor vehementissimo. Queria poder então conversar com elle ácerca dos pezares que o mortificavam, e ganhar á força de ternura amigavel o que pelo amor não podia conseguir. A carta estabelecia a base de conversações futuras. Fôra meditada com esse fim. A sagacidade feminina fazia o resto.

Illudia-se porém com o estado de Henrique de Mello. O seu espirito concentrára toda a força nos ultimos successos da sua vida, e nem sabia entender outros. N'este mundo para elle havia só a memoria da mãe, e a lembrança do amor perdido. A esses dous sentimentos vivia tão estreitamente ligado que nem deu pelas astucias do estylo de D. Christina, nem se recordou dos antigos e ambiciosos planos que nunca renunciára a irmã de Alvaro de Araujo.

Largou a carta aberta sobre a meza, e procurou a de D. Anna, rompeu o lacre preto em que vinha fechada, e leu quasi sem as ver as seguintes linhas :

« Presado amigo

« É junto de nós o seu logar. Venha e rogaremos a Deos pelo descanso eterno de sua virtuosa mãe.

Anna e Salvador. »

— Anna e Salvador ! murmurou Henrique levantando-se e passeando agitadoamente no quarto. Anna e Salvador ! Não ha tormento igual ao meu ! Esses dois nomes reunidos são.....

Dizendo isto, ergueu os olhos e viu defronte de si os retratos de D. Barbara e D. Anna. O olhar carinhoso de ambos que o pintor soubera traduzir com grande acerto artistico, atalhou a conclusão da phrase, e ajudou-o a vencer aquelle primeiro accesso de fraqueza humana.

—Esses dois nomes reunidos, repetiu Henrique sem desviar dos retratos os olhos humedecidos, são a minha obra, a felicidade da uni-

ca familia que me resta, e a honra da minha vida. Ó minha santa mãe, rogae a Deus por mim.

E foi sentar-se outra vez junto da mesa, escondeu o rosto nas mãos, e por largo espaço lhe trasbordou em lagrimas a dôr que a alma já não podia conter. De repente levantou-se, abriu uma janella para respirar mais á vontade, voltou a passear agitadoamente no quarto, e a final mandou chamar o procurador.

—Elles teem razão, exclamou já mais tranquillo como quem tomára uma resolução decisiva. O meu logar é ali. Sou lá necessario; a minha ausencia pôde ser-lhes fatal. Vamos; eu tambem não posso viver sem os ouvir, sem os ver, sem procurar o antidoto das minhas paixões no proprio amor que tenho a D. Anna, e no affecto filial que devo ao meu bom velho Oliveira. Animo. Se o valor necessario para consumir o sacrificio exceder a força humana, não desanimarei. Deus me protegerá.

Na incomparavel nobreza dos seus delicados sentimentos, a alma de Henrique triumphante das paixões terrenas, amorosamente se elevava ao céu donde já o estava contemplando o meigo e carinhoso espirito de D. Barbara.

Algumas horas depois partia Henriques de Mello para Coimbra a reunir-se com Salvador Lopes e com D. Anna de Oliveira, para nunca mais se separar d'elles.

A. A. T. DE VASCONCELLOS.

REVISTA LITTERARIA E DRAMATICA

Do anno de 1863.



anno de 1862 terminou, deixando transluzir mais auspiciadas promessas para as nossas letras, que o de 1863. A poesia, o romance e o theatro, estas tres fórmas que traduzem mais caracteristicamente a manifestação espontanea do vigor e efflorescencia litteraria de uma época, todos tiveram, durante aquelle periodo, os seus apostolos, as suas provas e os seus triumphos. A mesma parodia, esse genero de satyra que precisa das grandes concepções para realizar a maxima de Napoleão : *du sublime au redicule il n'y a qu'un pas*, maxima que resume a sua indole e determina os seus melhores effeitos de contraposição, até a parodia proporcionou mais uma especie de notoriedade ao livro de um mancebo, que tantas havia já obtido pelas controversias e panegyricos que o seguiram por toda a parte.

Parece que o impulso dado á nossa litteratura, em tempos de mais fervorosa e viva fé poetica, se tinha renovado nas obras, nos desejos e nas proprias aspirações. Como que se annunciou uma primavera litteraria com aquelle anno, que brotou flores como o poema de Thomaz Ribeiro, os *Versos* de Bulhão Pato, as *Coróas fluctuantes* de Pinto Ribeiro, e prosas como a *Chave do enygma do Amor e melancholia*.

E estas balsamicas emanações que os ares recendiam de tão grande seiva litteraria, ainda no fechar do anno de 1862, parece haverem levado seus effluvios aos limites do anno 1863.

Os olfactos estavam lisonjeados por estes aromas: tudo induzia a crer, que esta quadra de mimos da phantasia, assimilaria novas forças, que desabrochariam em novos rebentos poeticos, em concepções ainda mais bafejadas pelo halito de fogo do genio das artes e das lettras.

E todavia não foi assim. Nem mesmo aquelle impulso dado que a estatica chama força adquirida, que faz correr a machina quando a força motora já cessou, nem esse mesmo imprimiu notavel movimento nas imaginações e nos espiritos. Póde-se dizer, que o anno de 1863 foi um anno esteril. O talento produziu, mas a inspiração, frouxa e, ao que parece, exhausta, não creou nenhum d'aquelles seus fructos que se perpetuam sempre frescos e appetitosos, como o fructo da arvore das tentações do paraiso.

Mas não nos desconsolamos, que o mal não foi só nosso; a esterilidade foi geral. Relanceando os olhos pelo *Anno litterario* de Vaperau e pela *Historia litteraria e dramatica* de Julio Janin, achamos que a França apresenta a mesma escassez de obras que atestem o vigor de dotes intellectuaes de uma época. As proprias revistas litterarias de Berlin, Dusseldorf e Vienna denunciam egual pobreza. Da litteratura ingleza não tratemos, porque essa, como as plantas exoticas, não viceja senão debaixo de certas condições climatericas, e jámais se reproduz além das variedades já conhecidas e classificadas.

Porém, lancemos as vistas por esse anno que nos promellia de certo mais, mas que ainda assim não nos deve envergonhar, se tivermos de concorrer ao mercado commum das outras nações, porque outras houve, e ha, que menos produziram e peor, n'esta vasta e sublime elaboração dos espiritos.

Comecemos pelos livros uteis, pelos livros consultivos, por aquelles que são os grandes marmores que os obreiros intellectuaes aproveitam na parte mais solida da construcção de seus edificios. N'este numero entram naturalmente o *Dicciona-*

rio bibliographico do sr. Innocencio Francisco da Silva, as *Legendas da India*, collegidas pelo sr. Felner, e as *Obras de Camões*, ultimamente colleccionadas pelo sr. visconde de Juromenha. Os porfiados e tão mal retribuidos esforços de sr. Innocencio já conseguiram publicar o 7.º tomo do seu trabalho, trabalho colossal que, em substancia e indirectamente, apparelha os materiaes para a nossa historia geral da litteratura. O sr. Felner completou, no Tomo III da 2.ª parte, que abrange dezeseite annos, que são aquelles em que decorreram os feitos de Pero de Mascarenhas, Lopo Vaz de Sampayo e Nuno da Cunha, um dos grandes e sempre gloriosos capitulos da historia das nossas conquistas. Quanto ao sr. visconde de Juromenha, esse deu á estampa o 3.º e 4.º volumes, o que foi de certo um bom presente feito ás letras patrias, e principalmente áquelles que veem nas estrophes do grande epico lusitano um culto de gloria nacional.

Não esqueca o livro do sr. Chaby n'esta colleção de obras, que o philologo ou o historiographo colloca cuidadosamente na sua estante, não perdendo o momento de as consultar. *Os Excerptos historicos* é um consciencioso trabalho de investigação historica a topographica. A narrativa circumstanciada da guerra peninsular encontra agora um valioso auxiliar n'este livro do sr. Chaby, que foi collegido e estudado em archivos e sobre os proprios locaes dos variados episodios d'esta peleja notavel. E não só se referem estes estudos á guerra da Peninsula, senão á campanha que a precedeu no Roussillon e na Catalunha, o que realisa um valioso resultado de investigações historicas que foi resuscitar muitas das nossas glorias militares n'esta memoravel guerra, obscurecidas pela ignorancia, pelo tempo ou pela malicia dos invejosos dos nossos feitos e brios nacionaes. E que árdua se não tornou semelhante tarefa para o distincto official a quem o governo deu esta commissão! Felizmente encontrou no reino visinho, cujas glorias, n'este ponto, são communs, verdadeira sollicitude; e tudo que o poderia esclarecer, lhe foi ministrado e indicado. Mas as differentes transformações porque as exigencias da civilisação moderna tem feito passar, durante mais de meio seculo, os diversos sitios onde se deram tantas batalhas e recontros, reduziu o trabalho do sr. Chaby quasi a um trabalho de indução. Quantos campos, outr'ora montanhosos, estão hoje nivelados ou cortados pelo balasto de ferros carris! Quantas florestas, que abrigaram uma retirada, ou mascararam uma embuscada, cahiram debaixo do machado moderno! As alterações são por força grandissimas, e só a tradição, que tambem é uma parte da historia, o virá soccor-

rer n'estes apuros, em que a hesitação o tornaria perplexo diante das contradições e mudanças topographicas que notasse, confrontando o que via actualmente com os boletins d'aquellas épocas.

Agora temos o esbôço de um grande vulto, o maior vulto da nossa tribuna, e esbôço se lhe deve chamar, porque tudo que seja descrever a physionomia politica e tribunicia de José Estevão, nunca passára jámais de traços incompletos. Foi o sr. Freitas e Oliveira, mancebo talentoso e escriptor fluente, que pôz mãos na grande empreza, e pelo culto que consagrava áquelle principe da eloquencia parlamentar, lhe seja relevada a imperfeição da obra, que seria para muitos inevitavel.

Cabe aqui seguir-se, pela sua natureza politica, o livro do sr. Ricardo Guimarães, a que poz o titulo de *Narrativas e episodios da vida parlamentar de 1862 a 1863*. Com amigos e adversarios ao lado, em todas as estações da vida publica, é impossivel escrever d'estes livros sem queimar alguns bagos de incenso a uns e disparar algumas setas a outros; e o sr. Ricardo Guimarães, chistoso e epigrammatico folhetinista portuense de outros tempos, não perdeu a sua origem litteraria n'este escripto, que exprime exactamente a natureza do escriptor, mais imaginoso que historico, mais satirico que justo. Até a exuberancia e brincos de estylo do antigo analysta semanal, recrescem n'este livro, que deve ser classificado entre o pamphleto e as memorias politicas, porque não chega a descobrir o estylete acerado d'aquelle, mas tambem não resumbra a imparcialidade d'estas.

Mais uma obra em que a politica se encontra com a litteratura. A bella *Memoria* escripta pelo sr. Rebello da Silva ácerca da vida politica e litteraria de D. Francisco Martinez de la Rosa é d'esta indole, e resume o quadro de duas grandes revoluções e de duas fecundas iniciações. É, como o duque de Ribas, Alcalá Galiano e Pastor Dias, em Hespanha, e Almeida Garrett e Alexandre Herculano, em Portugal, um dos fundadores do systema liberal, e ao mesmo tempo um dos inauguradores do moderno movimento litterario, que a penna de Rebello da Silva escolheu para este estudo, que lhe devia abrir as portas da Academia Hespanhola. Vasto conhecimento da historia politica e litteraria do reino visinho, rara sagacidade de apreciação, mão firme em todos os perfis que o quadro encerra, estylo abundante e harmonioso, eis em resumo o merito absoluto d'este escripto, que pôde, sem favor, ser inculcado como modelo no genero. Depois de o ler, é superfluo recorrer

aos trabalhos da mesma especie de D. Eugenio Echoa, Fernandez y Gonzalez e Gary de Monclave, porque a analyse do sr. Rebello compendia o merito de todos.

Ainda d'este auctor mais dois escriptos, o *Elogio historico de D. Pedro V*, e *Lgrimas e thesouros*, romance suscitado pela leitura da correspondencia do viajante inglez William Beckfort. O *Elogio* foi lido, em sessão solemne, na Academia Real das Sciencias, e escusado é accrescentar, para quem conhece os dotes de estylo do insigne escriptor e a lembrança viva que deixou de suas virtudes o desditoso principe, a impressão que causou a sua leitura. Logo ali, como remuneração condigna, o sr. D. Luiz agraciou o illustrado academico que acabava de perpetuar de mais uma fórma os dotes preclaros de que seu augusto irmão soubera sobredourar a corôa portugueza.

Lgrimas e thesouros é um romance que só pertence ao anno de 1863 pela data do livro: foi primeiro estampado, em folhetins, no *Commercio do Porto*. Pobre anno, que só vives-te, no teu melhor, d'estes innocentes latrocinios bibliographicos!

O entrecho d'este romance é singellissimo; e, se não fossem os pontos historicos a que se entrelaça, difficil seria leval-o além de um capitulo. Mas o auctor collocou-o no seio de uma época que estabelece uma das transições mais notaveis da nossa historia. É no começo do reinado de D. Maria I; e o grande ministro de seu pae acaba de expirar no seu desterro. A influencia da poderosa acção governativa do Richelieu portuguez ainda tem mão em todas as redeas do Estado, com a força de um grande impulso a que uma sociedade inteira obedeceu; e as machinações subterraneas das familias dos fidalgos supplicados e os membros dispersos da Companhia de Jesus atrevem-se já a saltar em secreto o animo supersticioso e timido da rainha, que por isso mesmo que é suspersticiosa e timida, obedece á rudeza de seu confessor, o arcebispo de Thessalonica, unica rasão clara que na relutancia d'estes conflictos a illumina. O bosquejo d'esta lucta, em que sobresaem alguns retratos da época tocados com mão de mestre, esplana-o Rebello da Silva com a habilidade que já lhe applaudimos na *Mocidade de D. João V*. O livro prima, entre tudo, pela fluencia, e, por vezes, belleza narrativa. Talvez algum critico amante da concisão e sobriedade de estylo o encontre superabundante em efflorescencias de locueção. Mas este defeito quasi desaparece n'uma peça assás notavel d'este escripto, que é na carta que William Beckfort escreve ao seu amigo Harri, que prova quanto seria facil a indole litteraria do auctor criar um modelo no genero epistolar.

A esterilidade de fructos de imaginação d'este anno indemnisa-a de algum modo a bella estréa do sr. Eduardo Sarmiento com o seu romance a *Providencia*. É tambem um quadro historico, que um enredo, meio fabulado, meio authentico, liga, agrupa e enreda. São as nossas dissensões intestinas trazidas a Portugal pela implantação dos principios liberaes, que determinam a acção e intriga do romance. O assumpto é melindroso. Corre o perigo de resvalar por alguma das ladeiras escorregadias da politica, e tornarem-se as paginas da novella libellos partidarios. Mas a penna do auctor fugiu sempre, e com extrema destreza, d'estes embaraços.

Parece incrível, mas é verdade: o sr. Sarmiento, escriptor novel, e que por isso se deve de certo presumir inexperiente nos segredos da composição e da escripta, é exactamente com a parte mais delicada d'estes segredos que atina, e que aproveita com o tacto do talento formado. Interesse e verosimilhança no enredo, critica sagaz e cautelosa na parte historica, sobriedade de incidentes importunos, que sempre protrahem e relaxam a acção, e ontavel propriedade e concisão de estylo, são estes, absolutamente fallando, os meritos d'este livro que, por todos os motivos, convida o auctor a emprehender novas obras.

As *Chronicas do seculo XVII*, do sr. Mendes Leal, publicadas em livro o anno findo, tambem pertencem áquelle anno tão sómente pela nova data bibliographica. Todos nós as lemos em folhetins em diversas folhas periodicas: colligil-as e publical-as em livro, era de certo o desejo de todos que apreciam d'estes estudos historicos, embora fabulados pela imaginação do romancista. O *Forte de S. Jorge* é um lindo romance: mimoso de descrições, apaixonado de lances, florido na linguagem. Talvez lhe notem nimio cuidado de retoque, o que se explica, e até certo ponto com desculpa, pelo excessivo zelo do escriptor que reviu e remodelou differentes vezes a sua obra.

Temos ainda as *Viagens na terra alheia*, do sr. Teixeira de Vasconcellos, preciosas pela naturalidade narrativa; as *Scenas da vida academica*, do sr. Cunha Belem, em que o auctor nos entrelaça n'um entrecho facil os episodios da vida universitaria em Coimbra; e *Historias para gente moça*, de Julio Machado, collecção de pequenos contos, uns originaes, outros imitados. Pena é que talento tão facil e aprazivel se esperdice em trabalhos d'estes, porque, sem sahir do anecdotico e engraçado circulo da sua individualidade, encontraria o embrião de agradaveis e variadissimos romances. Nos *Contos sem arte*, de D. José de Almada tem, elle o estimulo, e tambem o exemplo, d'este genero, em que o

auctor, relanceando os olhos pelo seu passado de mancebo, se reproduz e comenta a si proprio, proporcionando-nos deleitaveis leituras.

Sombras e Luz é tambem uma novella traçada pelo sr. Bernardino Pinheiro na tella historica do reinado de D. Manuel. Chamei-lhe novella, e mais lhe cabe a qualificação de romance-poema, porque o auctor, para fugir a singelleza de fórma do seu primeiro romance, a *Arzilla*, elevou este a proporções, que de certo o *Eurico* lhe inspirára. Não me parece que fizesse bem. Se Fenelon nos deixou no *Telemaco* um exemplo immorredouro do poema em prosa, e se o sr. Alexandre Herculano, pela ascensão virtual do seu talento que tende naturalmente a abraçar-se com as estaturas gigantes da idade heroica da nossa historia, gravou paginas com essas dimensões grandiosas, admiremos-lhes o rapto, mas não tentemos o esforço, porque o romance, como a tragedia, a comedia e o proprio drama, tem a sua fórma peculiar, fórma a mais completa de todas, porque se construe de todos os elementos da composição litteraria e abrange todas as variedades do estylo. A *Notre-dame* apresenta um luminoso exemplo d'isto, porque, desde os tranes em que a paixão desabafa em explosões tragicas até ás scenas grutescas da mais infima plebe, cada individuo e cada lance encontram sua voz e physionomia particular. E o romance é isto, porque o romance é a vida em todas as suas multiplices e incoherentes contraposições. E tanto assim, que o duque de Ribas, quando quiz resuscitar os quadros do viver de uma época, apesar de escrever um poema e em formosos versos, teve de modular o metro pela indole d'esses mesmos quadros que erguia do passado. Esta variedade constitue a natureza e tambem a riqueza das leis do romance. É por isto que nas *Sombras e luz* se não póde deixar de notar uma certa monotonia, proveniente da falta de certos elementos constitutivos e essencialissimos na fórma prescripta ao romance. Os elementos narrativo e descriptivo por acaso apparecem n'este livro. Um lyrismo insistente enche, sim de flores, mas de flores exuberantes, as paginas de todos os capitulos, onde o leitor desejaria talvez antes encontrar os personagens a desenharem fortemente a sua individualidade, que é o verdadeiro interesse da novella, do que assistir ás divagações poeticas do auctor. O que ellas provam sobretudo, é que o talento do sr. Bernardino Pinheiro, pelos incitos phantasiosos que o inflammam, pelas clausulas sonoras e medidas que procura, acharia facil e natural transubstanciação na fórma metrica. O mesmo dialogo, quasi sempre pomposo e raras vezes dobrando-se ás particularidades da physionomia dos interlocuto-

res, prova isto. E é por esta mesma razão que estes são mais uma criação de phantasia que o fructo da observação. Não foi o estudo do analysta que os reconstruiu dos elementos dispersos da historia e da tradição, foi a imaginação do poeta que os imaginou. Falta-lhes de algum modo a realidade, a parte verdadeira e humana que torna estas creações perduraveis, porque é só da verdade que ellas vivem. E é de certo a estas condições positivas que Walter Scott deve a celebridade de muitas figuras de seus romances. O mesmo Shakespeare, remontando-se nos mais altos vãos do pathetico, atava sempre esses vãos a ligações tão peculiares e características dos personagens, que seus dramas não só nos preoccupam a imaginação, mas deixam-nos que pensar.

Basta a natureza d'estas observações para se ver, que, em todo o caso, o ultimo livro do sr. Bernardino Pinheiro possui subito merito litterario. E é realmente como um esmerado esforço litterario que o devemos considerar. A parte historica é ali apenas o pretexto para aquelle sobresahir. E, se o avaliarmos em referencia ao seu primeiro romance, a *Arzilla*, redobra de valia, porque entre um romance e o outro, ha grande progresso no moço escriptor. O seu talento adquiriu inquestionavelmente mais individualidade, e o estylo mais variedade e primor de fórma. É um grande resultado, e, sobretudo, obtido em tão pouco tempo.

Para a fecundidade de Camillo Castello Branco é que não ha annos estereis: a sua penna produz sempre, e produz com agrado dos leitores que o admiram. *Annos de prosa, Estrelas propicias, Scenas innocentes da comedia humana, Memorias de Guilherme do Amaral, Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado, O bem e o mal*, tudo isto são volumes sahidos a publico no espaço de um anno.

Verdade é, que em alguns d'elles não fez o auctor senão colligir escriptos de outras épocas e retocal-os e crismal-os depois com o nome collectivo que lhes serviu de rótulo n'esta recente edição; mas *Guilherme do Amaral* e as *Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado* são obra do anno de 63. N'aquelle percebe-se que Camillo Castello Branco quiz adoptar uma fórma de enredo mais complicada, ou fazer a sua satyra, exaggerando-o. O romance entretece-se, enleia-se, e emmaranha-se até, porque o auctor, para rebater o reparo que alguns criticos lhe fazem de pouca inventiva na urdidura de seus romances, curou de apparelhar surpresas e lances imprevistos, deitando a viajar seus heroes por esse mundo fóra, dispersando-os, e met-

tendo-lhes o tempo, a distancia e os estragos da vida de per-meio, o que depois lhes propociona encontros, reconhecimentos, desabafos de saudade e confirmações de protestos de estima, que dão incrível relevo ao livro. Mas, se querem que lhes confesse a verdade, eu prefiro a fórmula natural do *Onde está a felicidade*, e até a acção singellissima, mas profundamente sentimental de alguns dos pequenos contos das *Scenas da Foz* e das *Duas horas da leitura*, a estas salsadas de incidentes inopinados, que antes enlabyrintham que preocupam as idéas do leitor. A attenção segue-os, não ha duvida, porque tudo que é imprevisto, surprehende; tudo que é maravilhoso, entretém; mas segue-os mais arrastada, que atrahida. O que val é, que n'este romance, tudo acaba em bem, desenlace pouco commum na maxima parte das aventuras narradas pelo auctor, sempre avexadas por um destino cruel.

E assim succede aos lamentaveis e, por vezes, risiveis episodios da historia de *Bazilio Fernandes Enxertado*, que, envolvido nos trances de uma novella que tão galhofeira começa e depois se torna tão sentimental, apresenta personificada a satyra de uma das phases mais caracteristicas da nossa época. As aventuras do filho do antigo negociante do Porto, resumem a personificação das incompatibilidades moraes dos nossos tempos, d'estes tempos inquietos, oscilantes, contradictorios, egoistas, em que o dinheiro improvisa viscondes e a falta d'elle prende marquezes á burra dos agiotas. O dinheiro de Bazilio Fernandes fez d'elle um janota, um esturdio elegante, um director de phylarmonicas, um amphytrião celebrado, um partido disputado pelas bellezas portuenses, um protector de nymphas de bastidor, mas o que não pode fazer d'elle foi um amante feliz. O dedo da desgraça veiu imprimir-se n'esta phisionomia bonacheirona e folgasã, cavando-a de sulcos, por onde não poucas vezes correram lagrimas de uma paixão que tarde achou a sua recompensa. E este contraste da exterioridade picaresca do pobre Enxertado, com os nobres instinctos da sua alma, fórmula um jogo de contraposições, donde surdem as melhores peripecias do romance. A concepção não é nova de certo, e desde o Quasimodo, o typo exagerado e colossal d'esta fusão em lucta do grotesco com o pathetico, novellistas e dramaturgos a tem realisado com mais ou menos inspiração. Camillo Castello Branco póde-se jactar de haver sido dos mais felizes, porque a sua creação, além d'este valor artistico, encerrar outro maior, que é ser um profundo estudo de costumes e a

critica indirecta e chistosissima das anomalias sociaes da época presente.

Mas voltemo-nos para a poesia, se poesia pôde refflorir nos espiritos n'esta quadra em que o bello ideal está n'uma carta de conselho, ou em trazer ao peito um sete-estrello de placares. A infatuação politica e o sybaritismo dos commodos materiaes subordinam todos os impulsos generosos da phantasia. A imaginação hoje collige as suas forças e desata vôos temerarios, mas é para realisar esses immensos portentos da industria moderna. Nas eras patriarchaes, n'essa ingenua e adoravel era de ignorancia, os sacerdotes eram os poetas: erguer hymnos de admiração em presença das harmonias universaes, eis a sua missão constante. Depois a familia desenvolveu-se e tornou-se sociedade, e a sociedade, organisando-se, fez-se nação. Os poetas passaram então a chamar-se vates. Grecia e Roma pretenderam mais que ouvil-os cantar, quizeram que elles lhes devassassem os futuros. Já quizeram fazer d'estes entes inspirados um elemento de utilidade. Com o progredir da civilização as exigencias progrediram tambem, e os tempos de agora, positivos calculistas e essencialmente utilitarios, ergueram n'outras alturas o seu ideal e crearam mui diversa natureza de poetas. Os poetas de hoje são os inventores d'essas construcções maravilhosas que surprehendem as sociedades presentes e lhes proporcionam os seus melhores regalos. E nem podia deixar de ser assim, n'uma época em que o egoismo se tornou a mola real dos interesses positivos e das proprias relações moraes. Para attrair a attenção, para ganhar o suffragio de todos no seio d'este immenso turbilhão de acontecimentos que se agitam todos os dias, é indispensavel não só ferir a imaginação, é indispensavel mostrar um lado util, necessario, de conveniencia directa e pessoal. É preciso fundir no mesmo molde o util e o bello. A phantasia quer-se apascentar, mas a utilidade individual precisa de encontrar uma necessidade attendida e satisfeita. É a feição proeminente da época. Nas eras mythologicas bastava o prestigio das façanhas dos grandes heroes para inspirar os Homeridas. Agora o braço potente de Napoleão m assola a Criméa, funde a Italia n'um só dominio, e prometteu erguer diante do leão de Waterloo outro de garras mais imponentes e ameaçadoras, e comtudo nem um poema se levanta a cantar estes feitos. É, pelo contrario, o grande principio do seculo, ao qual se dobram vaidades de conquistadores e interesses particulares, chamado conveniencia publica, que soffrêra as demasias da guerra e obriga a assignar a paz de Villa Franca. Ainda a uti-

lidade directa e universal a ter mão na cubiça dos imperantes e a antepor a harmonia dos interesses geraes ás vanglorias da conquista. Este seculo, immenso pelo seu desenvolvimento intellectual e material, de modo algum se sujeitaria a ser o theatro das ambições de um conquistador, embora elle se appellidasse Alexandre, Pompeo ou Napoleão. Estes sentimentos de cubiça desmesurada tem de ceder o passo a outros mais legitimos e modestos. As grandes glorias, presentemente, para se não apagarem rapido como as ardentias que illuminam por momentos o firmamento, hão-de erguer-se sobre um pedestal de assentimento universal, e esse assentimento não póde resultar, n'esta quadra de interesses positivos, senão da conveniencia que cada um sinta. E esta verdade é tal, que passou já dos dominios inquietos das relações politicas e moraes ás regiões serenas da phantasia. Ahi mesmo se assentou, como verdade axiomática, a necessidade de não só procurar o bello, mas tambem de reunir o util. Os dois maiores poetas de nossos tempos deixaram de compor versos para se fazerem, um, moralista, e o outro, educador da infancia. Victor Hugo escreveu os *Miseráveis*, esse sublime catecismo exemplificado de moral universal, e Lamartine entrega diariamente aos prelos magnificas paginas de ensino publico.

E mesmo entre nós, o maior dos poetas cedeu a este movimento, que é ao mesmo tempo o impulso e a indole da sociedade em que vivemos.

O inspirado e feroso cantor dos *Ciumes do Bardo* tornou-se o mais ardente e convicto dos nossos pedagogos. E ainda, publicando essa apreciavel colleccção de poesias e prosas, que elle intitidou *O Outono*, mais de certo por conhecer este resfriamento de nossos dias a respeito dos fructos da imaginação, do que por sentir o cahir das folhas da sua brilhante efflorescencia poetica, ainda publicando esse bello livro, elle evidencia esta verdade, pois o precede de uma soberba dissertação ácerca das necessidades da reorganisação do ensino em Portugal. O poeta humanisa-se e encarna-se na pessoa austera do preceptor. A poesia vem apenas, com as suas flores de estylo, com as suas intuições sublimes, illuminar estas paginas, que devem ser lidas e meditadas por todos, porque contem grandes verdades. As producções poeticas do restante do livro, são, como todas do illustre escriptor, um recreio e um ensino: formosos e inspirados trechos e tudo que tem de mais primoroso a lingua portugueza. A celebrada chacara da *Senhora da Nazareth*, o *Rapto da Europa*, *No tranzito de D. Pedro V*, o epistola á Im-

peratriz do Brasil, a poesia a madame Tedesco, prodigios do engenho poetico, e esplendidas ostentações da riqueza do nosa idioma, tudo se acha collegido n'este volume a par de outras peças de valor igual, ou quasi igual.

Pena é, que versos taes encontrem só a anciedade dos amadores das cousas litterarias que os procurem e apreciem, e que esses sejam tão poucas n'este tempo de prosa utilitaria.

O mesmo mal padecem de certo as *Saudades* do sr. Vieira de Sá, e as *Folhas da Vida* do sr. Soares Franco, cantos aquecidos pelo fogo das inspirações de outras eras de mais juventude e fervoroso estro para elles e de mais crenças e illusões para todos nós. As impressões que animam estes dois livros, não sahem do circulo da individualidade dos auctores, e d'isso resulta por ventura o pouco enthusiasmo que suscitaram no mundo litterario. Os segredos d'alma do poeta são escotados com interesse unicamente pelas organisações delicadas e sensiveis, e essas vão desapparecendo no seio d'estes vendavaes da politica. Os corações tem-se endurecido, e a indiferença, enregelando os animos, só desperta ao estrondo de grandes interesses que desabem ou grandes interesses que se ergam. E é pena que assim aconteça, porque n'um e outro ha versos que devem ser lidos. A simplicidade de fórma em Vieira de Sá torna-se sobretudo apreciavel, n'esta quadra, em que alguns engenhos *fazem litteratura de trapesio*. E ainda que nos não provasse outro merito este livro, bastava o excellente prefacio, traçado com tanta naturalidade e pureza de locução, para nos revelar um prosador dos que existem poucos, porque, pela singelleza e gracioso desalinho que derrama por todas aquellas linhas, é filho genuino da portugueza e desambiciosa eschola de Garrett.

Ainda pertence a este logor de trabalhos poeticos a *Selecta Camoniana* publicada pelo sr. Viale.

O theatro entre nós, como em toda a parte, manifesta verdadeira decadencia litteraria. O gosto publico, como os paladares estragados, excita-se unicamente com fortes estimulos; e são os enredos complicados, as peripecias imprevistas, os espectaculos deslumbrantes que enchem as platéas e interessam os espectadores. *A Familia do Colono, Mãe dos Escravos, Medalha de Bronze, o Genio das Minas*, melodramas reprehendentes de visua-lidades e lances impossiveis, exprimem e caracterisam ao mesmo tempo esta aberração do gosto de um publico que precisa dos vãos de um Léotard e dos equilibrios temerarios de Blondin, para rebentar em applausos. Até o proprio Theatro Normal tem sido compellido por esta onda, cedendo antes ás exigencias

das platéas do que ao pensamento que preside á sua instituição. Felizmente, alguns escriptores, com suas obras e esforços tentam ainda oppor-se a esta decadencia. Mas que póde um ou outro empenho isolado contra tão fatal conjunção de elementos? Não de elles sacrificar-se nas aras do templo da arte, quando o publico deixa o templo vasio e descreê de seus verdadeiros sacerdotes? Não se pode exigir tanto. Em litteratura não é pelo martyrio que se caminha para a gloria, e sobre o palco são unicamente as multidões que consagram e coroam os engenhos. É indispensavel contemporisar com ellas, e foi isso que fez o auctor do *Jogo*, da *Fortuna e Trabalho* e dos *Homens Ricos*, deixando a acção simples do drama intimo, para adoptar o enredo complicado do drama social. E foi pago do sacrificio com os applausos e enchentes repetidas que tem animado o theatro de D. Maria.

O *Jogo*, assim como a *Sociedade elegante*, do sr. Cordeiro mereceram tambem a approvação da censura dramatica, voto depois confirmado pelas platéas com bravos repetidos.

Fallando-se do theatro, não era possivel deixar de apparecer o nome do sr. Mendes Leal, e com o seu drama *Pedro*, que apesar do relegado por tantos annos para os reconditos do archivo do theatro, attrahiu repetidas enchentes e conta já duas ou tres edições. E será tamanho successo por ser o *Pedro* a melhor obra dramatica do sr. Mendes Leal? Parece-nos que não: os motivos são de certo outros, e talvez não erremos se os explicarmos assim. No *Pedro* quiz ver alguem, com fundamento ou sem elle, uma parte da vida do auctor. Dizia-se que elle se personificara no protagonista, que de simples jornalista se elevava a ministro.

Aconteceu, que não só no drama archivado, mas no outro drama mais tumultuario e vasto dos acontecimentos politicos, foi effectivamente o auctor feito ministro. O publico, sempre ancioso por devassar segredos, quiz ver como se tinha operado o mylagre, e correu ao theatro.

Viu um mancebo, que pelos esforços do seu trabalho venceu todas as repugnancias das classes orgulhosas, ganhou todas as considerações publicas e se collocou n'uma posição invejavel, pois, era conquistada pela força mais legitima que o homem possui, pela intelligencia; e entre este mancebo e o novo ministro verdadeiro encontrou analogias, e applaudiu, e applaudiu com enthusiasmo, porque, coroando assim o dramaturgo, deu um alto testemunho de moralidade, pois tambem honrou os esforços do homem. O publico fez bem.

Mas ainda temos n'este theatro duas comedias de Camillo Castello Branco, o *Morgado de Fafe amoroso*, continuação de outra que os frequentadores da nossa primeira scena tanto festejaram pela verdade do typo que a alegrava de jovialissimos episodios, e *Duas Senhoras briosas*, quadro de costumes em que tanto prima a veia sarcastica do auctor. A *Penitencia*, trabalho de collaboração com Ernesto Biester, e extraido do romance os *Misterios de Lisboa*, attrahiu tambem o favor publico pela arte com que a acção se complica em lanços de verdadeiro interesse dramatico.

É impossivel deixar de concluir esta revista, sem ter de avivar lembranças dolorosas. A morte do nosso primeiro compositor musical, Joaquim Casimiro Junior, do Verdi portuguez, é uma perda de que com difficuldade se poderá indemnisar a classe que elle tanto enobreceu com os esforços prodigiosos do seu talento.

Rodrigo Paganino, o auctor dos *Contos do Tio Joaquim*, tambem deixou a vida, exactamente quando o talento litterario fructificava n'elle com mais incontestaveis e brilhantes provas.

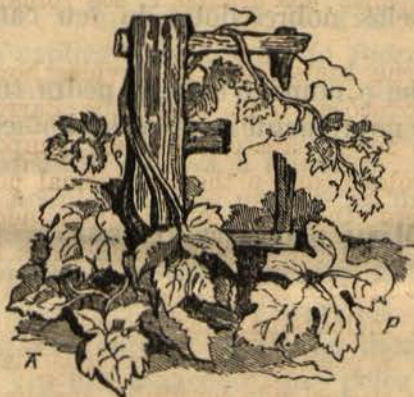
Foi tambem n'este anno que se realisou a trasladação das cinzas de D. José de Almada, para o tumulo erguido pela saudade de seus amigos, que eram muitos e dedicados.

Não deve esquecer esta solemnidade, funebre pela dor da amisade, mas de gloria para as qualidades do finado, cuja elevação de espirito sobressahia pelos nobres dotes do seu caracter.

Honrando-o e perpetuando-lhe o nome n'aquella pedra rustica e singella, honrou-se digna e nobremente a classe dos homens de letras.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

CHRONICA



a hora em que os bosques se preparam para o canto do roxinol e para as confidencias da rôla; a collina veste-se de verdura, e a primavera vacse-mear-lhe a planta e a flôr; as arvores saccodem sobre a relva a neve colorida e perfumada; a abelha zumbe inquieta á procura do tomilho; o inverno, vencido, abandona o throno; tudo revive, reanima-se tudo, tudo atira ao vence-

dor ramilhetes e canticos.... Estreias-te, minha pobre chronica, com o mez das flores; ah! que abril te dê vida!

Que posso dizer-lhes da Lisboa humida e tiritante d'estas ultimas semanas! Que houve de novo aqui? Choveu. Que se fez, que se disse? Não se disse nada. Apenas fallavam:

- *O Chapéo de chuva.* Que tempo! A seda emplasta-se-me nas varrelas!

A bengalla. Eu previnira-te, meu respeitavel antipoda. Adivinhei a chuva de março, no sol esplendido de fevereiro!

O fogão. Vulcano me valha que me apago! Parece que estou no dia immediato a terça-feira gorda!

O Relogio. Oooohá! tling!

Um par de luvas. Oito horas, e chove a cantaros. Não me deixam sahir para o theatro! Que tempo estúpido!

A lamparina. Eu cá vou acompanhando a noite do burguez, em quantó a família dorme, e a chuva açoita as vidraças!

A bota. (com timidez: á galocha de borracha) Como tem passado, companheira?

A galocha. (*desfallecida*) Fatigadissima! Já não posso commigo! Apre!...

Atravez d'esse temporal, digno dos de qualquer comedia do nosso velho Salitre, theatro cujo reportorio abusou out'ora no maior grau das peças de chuva e relampago, Lisboa não engendrou um acontecimento, não inventou sequer um escândalo, para entreter esta população desditosa, que, depois do mau tempo, ficou ainda por largos dias a seccar em casa. Apenas uma manhã, se conver-sou por ahi a respeito do casamento do octagenario** com uma filha da sua amante. Isto, a dizermos a verdade, rasgou um pouco a sizudez patriarchal dos costumes portuguezes: ha estravagancia, ha ratices, ha *excentricity* n'este facto; moral, não ha talvez, creio bem que não, mas isso exige-se apenas aos dramas e aos romances: na vida é escusado.

Os theatros prestaram ao inverno inclemente as devidas honras; peças novas, beneficios, e ovações: o sr. Corrêa de Barros constando-lhe que o inverno não serve para outra coisa, compoz um drama em tres actos e um prologo, que o theatro normal poz em scena com o titulo de *Nobresa*. O auctor que é ainda moço e está na idade em que se quer conhecer o segredo de todas as coisas, vivia, supponho eu, n'estes ultimos tempos, inquieto de animo, com a ambição de fazer um melodrama. Mas, como se havia de fazer o melodrama? Qual a poetica que devia consultar, que regras cumpria seguir, a que auctoridade convinha encostar-se? Nenhum Aristocles deu preceitos para tal genero de composição, cuja theoria e architettura não se acham ainda determinadas. O sr. Barros perguntava a si próprio quaes as qualidades que um bom melodrama deve ter, e de que natureza convém que seja o sublime a que elle póde attingir. O silencio lhe respondia.

Os poemas epicos, as tragedias, e os romances, fazem-se por meio de receitas bem notorias; mas todos os criticos e os grammaticos todos recuaram perante a tarefa difficilima, de escreverem

a theoria do melodrama. Parece que na sua acceção propria, melodrama quer dizer acção acompanhada de melodia, ou, com mais rigor, melodia acompanhada de acção; mas, o sr. Barros não queria fazer coisa parecida com uma opera, o seu caso era outro, o sr. Barros queria fazer uma peça de dar lagrimas. . . e dinheiro: eis o seu pensamento, reduzido á expressão mais simples.

Que podia fazer em tal conjunctura? Estudar os mestres, e tratar de surprehender-lhes o segredo nas suas obras. Ó Aniceto Bourgeois, ó Cesar Lacerda, ó Victor Ducanje, ó Braz Martins, com que piedoso cuidado, com que respeito filial, á pallida luz da lampada, essa nocturna amiga que parece trabalhar convosco, diligenciou o sr. Barros estudar vossas concepções: e quantas vezes o surprehendeu a aurora debruçado n'alguma obra como a *Mendiga*, *Os filhos dos trabalhos*, *os Dois Irmãos*, e outras peças de quem como diz o povo *intenda d'horta!*

Todavia apesar de alguns mezes de contemplação, possuiu-se o sr. Barros da idéa de que o estylo do theatro tem variado muito desde esses mestres, e que uma obra composta no idioma de que elles se serviam não seria talvez comprehendida sem glosario, inconveniente gravissimo para a scena. Por isso, resolveu-se a escrevel-a elegantemente, o que não foi difficil ao seu talento delicado, e, para não perder trabalho, auxiliou-se dos preceitos e exemplo dos peritos para lançar os fundamentos da sua peça e abrir-lhe o prologo: — uma filha seduzida, um seductor que não quer casar, um pae que endoideee por este golpe; isto, nas peças dos referidos mestres, costumava ser o quarto acto, mas na *Nobresa* é o prologo; verdade é tambem que, findo elle, apesar mesmo do seductor sair moedeiro falso e do pae se permittir por intervenção do sr. Roza alguns delirios que pareçam convidar a sr.^a Tallasse a voltar para o theatro — a peça corre progressivamente melhor, e o terceiro acto, na scena do creado que volta do tribunal, é um quadro de cores simples e verdadeiras, sentido e desenhado com delicadesa.

O publico victoriou prolongadamente o auctor, que esteve talvez mais tempo em scena do que qualquer dos personagens da sua peça. Tenho por elle tanto mais estima que o trato com o desassombro que um homem de merecimento deve inspirar; o seu drama está bem escripto, mas foi mal inspirado; por melhor talento de que o sr. Barros deu prova na naturalidade do estylo e por vezes no vigor da argumentação, atravez da graça do dialogo denunciava-se que a sua intenção era fazer um drama burguez, que as platéas acolhessem por um certo numero de effeitos que sempre triumpham. Conseguiu-o; mas, eu desejava que mais do que as

enchentes dos *Homens do mar* o seduzissem, — a elle que está ainda na flôr da mocidade e que não precisa ganhar a vida com as velhadas dos *faiseurs* — as meias casas da *Herança do chanceller!*

O desempenho foi notavel por parte do sr. Rosa, — que denunciou o seu genio de pintor na admiravel caracterisação de velho louco, — Marcolino, que conservou ao papel do creado a feição sincera e sympathica que o auctor lhe deu, — e das sr.^{as} Emilia Adelaide, Manuela Rey, e Delfina.

Passemos á *Judia*, poesia por Thomaz Ribeiro.

É n'uma noite de Lisboa, pura e limpida; o Tejo vae sereno; tudo dorme nos ares, no fundo das aguas, e na praia; a lua ergue-se como uma lampada no horisonte, e as margens do rio prateam-se ao longe de uma neve de luz... Uma mulher formosissima, envolta no scintilante trage caracteristico da raça hebreia, está, meia deitada n'um coxim, contemplando aquella noite encantadora, e recordando-se de outra igualmente bella, outra noite da nossa Lisboa, — que as tem que não parecem da terra, a não ser que o paraíso descesse aqui! E pensa, e scisma, subitamente inquieta, chorosa, anhelante... É que era uma noite, d'aquellas em que se sonha acordado que somos dois peregrinos escorregando na onda, de almas juntas e mãos dadas, indo a barca a sulcar caminho por entre uma floresta de lirios do mar, que desabrochem ali como as estrellas no firmamento e formem em redor de nós como que uma via lactea odorifera, uma via lactea de flores, que pareçam ter as raizes no branco raio de luz que as ondas dormentes reflectem do céu...

Vivia triste essa mulher, mas resignada; o que a accordou, o que foi então inquietal-a? O amor. Ha soberanos principios no fundo das almas, que, isolados um do outro, nos devoram obscuramente; toca-os a faisca electrica, inflamma-os, e a idéa brota luminosa, fluida, emula dos rios e das torrentes, rival do raio que a engendra! Moça e linda, tão fatal e irremediavelmente triste se sente, que só o infortunio do amor pôde haver atirado a cinzenta sombra sobre aquella estação viçosa, e dar a similhante primavera as côres mortas do outono, ao ridente meio dia as tintas fuscas do cair da tarde... Foi o amor, foi o impossivel, foi a crueldade horrivel do seu destino de judia, que atirou esse gentil espirito sem culpa ás cadêas da terra, como os anjos maus ás cadêas do abysmo...

É que n'essa noite, sentada melancholica no seu jardim, ella ouviu um canto ameno saindo de um barco, que vogava á flôr d'agua, um canto que lhe dizia:

Dormes e eu velo, seductora imagem,
grata miragem que no ermo vi;
dorme, *Impossivel* que encontrei na vida,
dorme querida, que eu descanto aqui.

.....

Onde nasceste? onde brincaste oh bella,
rosa singela que não tens jardim?
No Cairo? em Malta? em Nasareth! no Egypto?
mundo infinito e tu sem berço? Oh! sim...

.....

Filha d'um povo perseguido, e nobre,
que ao mundo encobre o seu martirio, e crê;
caminha sempre; é a sina do Ashavero;
mas firme, austero, entre os baldões e a fé.

Porque hade o lume de teus olhos bellos
mostrar-me anhelos de infinito ardor?
porque esta chamma a consumir-me o seio?
Deus de permeio nos maldiz o amor!

Ella escuta o canto do trovador christão, e estremece chorando. Que tem ella a dar-lhe de felicidade, e que felicidade pôde pedir-lhe a elle? É uma judia de Veneza, que foi na companhia de seu pae correr as montanhas da Judéa e entregar para sempre a sua alma á terrivel magua da sorte que lhe pesa, e que, em Lisboa hoje, cumpre ainda o seu implacavel destino. Desde a infancia ou o valle esteja sereno, ou o mar murmure, os suspiros d'ella perguntam: Para onde? Quando a noite desenrola o seu pavilhão bordado de oiro por cima do immenso mundo, sente-se ella tão pequena no mundo que é tão grande, sente-se tão só no mundo tão povoado, que o sol parece-lhe frio, as flores murchas, a vida velha, e tudo que se diz um rumor vago: é que não tem patria, não tem patria, a infeliz judia!...

E, saudosa, ella diz ao trovador que se affaste sim, que a esqueça, mas que não creia estar Deus de permeio entre elles, porém o mundo, e o preconceito.

D'este assumpto, graciosamente indeciso e vago, fez Thomaz Ribeiro n'algumas estrophes não só um admiravel trecho lyrico

senão um drama palpitante de paixão; que sublime melancholia! que razão alta e serena! que fluencia de imagens! que abundancia de côr e de luz! — A actriz encarregada de recitar esta primorosa composição, a sr.^a Emilia Adelaide, realisou admiravelmente o typo e caracter da heroína e deu á poesia todo o sentimento perfeitamente moderno que ella requer: olhar triste, voz plangente e profunda, pallidez doentia e sonhadora, paixão exaltada e nervosa, e uma recitação sem melopêa, fazendo apenas sentir ao de leve a rima e o periodo poetico. O publico festejou immenso a *Judia*, que durante um quarto de hora o aliviou tão brilhantemente das familiaridades da prosa, a que vive sujeito em todos os nossos theatros, e de que tem já o direito de viver um pouco enfasiado.

O theatro está preparando a ensaios para beneficio de tres dos primeiros actores, os seguintes dramas: *Os Fidalgos de Bois Doré* de George Sand, traducção de Pinheiro Chagas, para o beneficio de Rosa; *A Mãe do Engeitado*, dois actos, de Thomaz Ribeiro, para o beneficio de Sargedas; e *Pobresa Doirada*, de Ernesto Biesler, para o beneficio de Theodorico.

Não poderíamos fechar a chronica sem registrar o motim que se ergueu no jornalismo contra uma medida adoptada pelo sr. commissario do theatro normal, de destinar duas frisas para as diversas redacções politicas e litterarias em turnos alternados. As frisas não aviltam ninguem; o que havia n'isso de máo, a meu ver, eram os turnos: porque a entrada aos jornaes, quando é de lei, não pôde ser senão permanente. Tambem é certo que as inimisades politicas não permitem que estejam reunidos no mesmo camarote, á noite, escriptores que no jornal da manhã jogaram entre si as ultimas injurias; na platea, embora perto uns dos outros, nê se olham nem se fallam: n'um camarote, a educação obriga o ultimo que entra a dar as boas noites aos que já lá estão e essa mesma simples phrase, ainda que de rudimentar cortesia, não poderá nunca ser proferida entre dois adversarios permanentes; tinha portanto sido melhor reduzir o numero das entradas, visto ser esse o fim da reforma, e conserval-as na platêa.

Esta opinião é tanto mais imparcial, que a frisa tinha a vantagem de não ser preciso mostrar o bilhete, coisa extremamente commoda para mim, que sempre os perco ou me esquecem em casa. A medida era-me tão vantajosa por esse lado, que só o zelo pela classe, que fez d'isto questão magna, me inhibe de a defender. Lembra-me, por exemplo, que durante os bailes d'este carnaval tinha eu um bilhete em que Francisco Palha escrevêra o meu nome a auctorisar-me a entrada: mostrei-o no primeiro

dia, e pedi ao porteiro que reparasse bem no meu nome para me ficar conhecendo e escusar bilhete; d'ali em diante, apesar d'esta recommendação, o porteiro todas as noites me impedia a passagem e exigia o bilhete; n'uma das noites, causticado já de lhe repetir o meu nome, ao perguntar-me elle:

— Como se chama o senhor?

Respondi-lhe:

— Zutt!

O porteiro ficou embuchado, e, como eu fosse entrando para o salão, o homem consultou a sua lista, e appareceu d'ali a nada a meu lado dizendo-me:

— Hade ter paciencia de se retirar; o seu nome não está na lista das entradas!

As frisas, pois, como podem julgar de tudo isto, convinham-me. Que auspicioso futuro *sem bilhete!* Mas, emfim, dizem que vae n'isto a dignidade da classe... Sacrifiquemo-nos.

JULIO CESAR MACHADO.



